

**Variedades  
linguísticas.  
Funções da  
linguagem e  
vícios da  
linguagem.**

Autor:  
Décio Terror Filho  
*Aula 13*

## Sumário

<b>1 – Variação Linguística.....</b>	<b>3</b>
1 – Linguagens .....	4
2 – Marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor do texto. ....	5
3 – Marcas linguísticas ou situações de uso que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro. ....	7
<b>2 – Funções da Linguagem – A intenção discursiva.....</b>	<b>37</b>
1. Elementos da comunicação .....	37
2. Funções da linguagem .....	38
<b>3 – Vícios de Linguagem .....</b>	<b>49</b>
<b>4 – Lista de Questões .....</b>	<b>55</b>
<b>5 – Gabarito.....</b>	<b>80</b>



Olá, pessoal!

Vamos a mais uma aula!!!!

Falaremos sobre a diferença entre a língua falada e a língua escrita, focando especialmente na língua falada e suas variações.

A fim de ampliar o conteúdo, vou lançar mão de questões de várias bancas.

Assim, podemos ser bem didáticos e vamos entender passo a passo cada tópico.

## 1 – Variação Linguística

Antes de falarmos da variedade linguística, vamos, primeiro, observar a diferença simples entre linguagem falada e linguagem escrita.



A linguagem falada é mais espontânea e tem como apoio o tom de voz, os gestos, as expressões faciais etc. Já a linguagem escrita apresenta normalmente uma estrutura mais rígida e um pouco limitada se compararmos com a anterior. Isso porque algumas vezes se vê impraticável uma informação que depende dos gestos ou do tom de voz para transmitir mais clareza, por exemplo.

Mas não se pode pensar que a linguagem falada seria uma linguagem que rompe a norma culta, o falar errado; também não se pode afirmar que a linguagem escrita seguiria rigidamente os preceitos gramaticais.

A linguagem falada transmite a liberdade de expressão, mas pode naturalmente ser expressa no padrão culto, como nas palestras, nos sermões, situações em que o emissor da mensagem quer transmitir credibilidade na sua informação.



Porém, numa linguagem familiar, corriqueira entre amigos, numa situação bem descontraída, nota-se uma linguagem sem a necessidade de seguir o rigor gramatical.

O mesmo ocorre na escrita. Num bilhete a um amigo, ao vizinho; numa mensagem rápida no WhatsApp, no Facebook, num e-mail, isto é, ao utilizarmos esses meios de comunicação numa situação descontraída, podemos nos expressar de forma liberta, sem a preocupação com o rigor gramatical.

Dessa forma, é o ambiente e a situação que vão fazer com que usemos determinada variação da linguagem.

## 1 – Linguagens

Linguagem é o sistema através do qual o homem comunica suas ideias e sentimentos, seja por meio da fala (linguagem glótica), da escrita (linguagem gráfica) ou de outros signos convencionais. Linguística é o nome da ciência que se dedica ao estudo da linguagem.

No cotidiano, o homem faz uso da linguagem verbal e não-verbal para se comunicar. A linguagem verbal integra a fala e a escrita (diálogo, informações no rádio, televisão ou imprensa, etc.). Todos os outros recursos de comunicação como imagens, desenhos, símbolos, gestos, tom de voz, etc. fazem parte da linguagem não-verbal.

A linguagem corporal é um tipo de linguagem não-verbal, pois determinados movimentos corporais podem transmitir mensagens e intenções. Dentro dessa categoria, existe a linguagem gestual/mímica, um sistema de gestos e movimentos cujo significado se fixa por convenção e é usada na comunicação de pessoas com deficiências na fala e/ou audição.

Linguagem mista é o uso da linguagem verbal e não-verbal ao mesmo tempo. Por exemplo, uma história em quadrinhos integra, simultaneamente, imagens, símbolos e diálogos.

As linguagens artificiais (construídas e definidas por um pequeno grupo de pessoas, em vez de terem evoluído como parte da cultura de algum povo, por exemplo, o código binário dos computadores, códigos secretos, de experimentos lógicos etc) também são designadas por linguagens formais. A linguagem de programação de computadores é uma linguagem formal que consiste na criação de códigos e regras específicas que processam instruções para computadores.

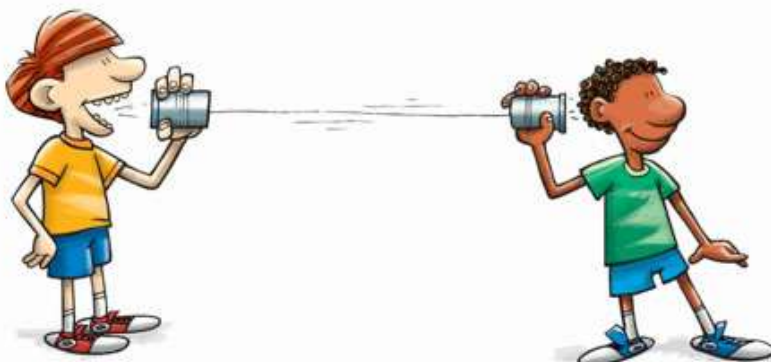


## 2 – Marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor do texto.

Para que tenhamos entendimento sobre as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor, devemos identificar esses dois elementos da comunicação.

**LOCUTOR**

**INTERLOCUTOR**



O **locutor** é aquele que emite, que codifica a mensagem.

O **interlocutor** é aquele que recebe, que decodifica a mensagem.

Assim, num diálogo, por exemplo, as marcas linguísticas de identificação desses dois elementos são claramente observadas. Veja:



<http://www.tribunadeindaia.com.br>



Elementos linguísticos como o vocativo “cumpadi”, o pronome de tratamento “ôce” e o próprio sinal de interrogação da frase evidenciam o interlocutor; na resposta, o pronome “mim” e o verbo em primeira pessoa “tomei” reforçam essa identificação.



<http://blogdoaftm.web2419.uni5.net>

Nesta outra charge, o pronome “se”, o verbo “Lembra”, o pronome de tratamento “você” e o imperativo “adivinha” remetem ao sujeito da oração, o qual é a quem se endereça a mensagem, o interlocutor. Já os pronomes “me” e “eu” identificam o locutor.

Assim, as marcas linguísticas que evidenciam o locutor são os pronomes “eu”, “nós”, “me”, “nos”, “meu”, “minha” (e suas variações), verbos em primeira pessoa do singular ou do plural etc; já os identificadores do interlocutor podem ser os pronomes “tu”, “você”, “vós”, “se”, “te”, “vos”, “seu”, “teu” (e suas variações), verbos no imperativo etc.

Muitas vezes, o autor do texto emprega um ponto de vista no texto em primeira pessoa e isso traz a ideia de que o locutor, o autor do texto, transmite considerações subjetivas, algumas vezes marcadas por emoção:

“O que **percebo** hoje no Brasil é um descalabro social que é resultado de uma política corrupta.”

Outras vezes o autor divide a situação em que se encontra com os demais cidadãos e com o leitor:

“**Nós**, brasileiros que **somos**, não **podemos** deixar o **nosso** país nas mãos de verdadeiros ladrões dos direitos do povo!”

O autor pode se referir ao leitor (interlocutor) diretamente:

“**Ei, você, meu caro leitor!** Para continuar lendo este texto, primeiro **descarte seus** preconceitos e **liberte-se** de **seus** pensamentos neocapitalistas. Só assim **você** entenderá o que estou querendo dizer.”



E também pode empregar o pronome “você” como indeterminante, não propriamente querendo se referir ao leitor:

“Amizade é aquilo a que você se doa sem pensar em retribuição, mas esta vem numa enxurrada de gratidão!”

Note que o pronome “você” não se refere diretamente ao leitor, mas a qualquer pessoa que se encontre nessa situação. Em casos como este, podemos trocar o pronome de tratamento “você” pelo indefinido “**alguém**”.

“Amizade é aquilo a que **alguém** se doa sem pensar em retribuição, mas esta vem numa enxurrada de gratidão!”

### 3 – Marcas linguísticas ou situações de uso que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

Os níveis de linguagem têm relação direta com a intenção comunicativa, isto é, com o objetivo do texto, com o contexto em que a comunicação é veiculada, com quem é o emissor e para quem é dirigida a comunicação.

Para entendermos melhor isso, pensemos no seguinte exemplo: recorte a fala de um juiz em um tribunal e a enderece a uma criança ou a um jovem. Certamente o juiz não seria entendido, concorda?

Para que haja a devida comunicação, ele deve escolher palavras adequadas ao entendimento daquele público-alvo: a criança ou o adolescente.

Assim, os níveis de linguagem levam em conta esses estratos (camadas sociais, econômicas, culturais, etárias, situacionais), a cujo contexto a linguagem deve adaptar-se.

Nem todas as variações linguísticas usufruem do mesmo prestígio, sendo algumas consideradas menos cultas. Contudo, todas as variações devem ser encaradas como fator de enriquecimento e cultura e não como erros ou desvios.

#### Tipos de variação:

a) **histórica (diacrônica)**: Ocorre quando comparamos a linguagem em épocas distintas e percebemos suas diferenças, as quais serão maiores quanto maior for o prolongamento temporal. Cada um dos estágios da língua, mais ou menos homogêneos circunscritos a certa época é chamado variedade diacrônica. Por exemplo, em determinada época havia certas expressões que em seguida caíram em desuso; também a grafia de algumas palavras mudou ao longo do tempo. E não é difícil perceber isso. Basta se lembrar da nova reforma ortográfica de 2009, em que até 2015 as palavras “idéia”, “heróico” tinham acento. Hoje não mais.



b) **social (diastrática)**: É a variação produzida de acordo com os hábitos e cultura de diferentes grupos sociais, isto é, pelo ambiente em que se desenvolve o falante. Como exemplo, podemos citar as gírias próprias de um grupo com interesse comum, como os skatistas, os jargões próprios de um grupo profissional, como os policiais.

c) **geográfica (regional ou diatópica)**: É variação que ocorre de acordo com o local onde vivem os falantes, sofrendo sua influência. É chamada também de variação diatópica ou regional, pois tem relação com a distância geográfica que separa esses falantes, o que gera diferentes palavras para os mesmos conceitos; diferentes sotaques, dialetos e falares; reduções de palavras ou perdas de fonemas. Assim, por exemplo, a mistura de cimento, água e areia, se chama betão em Portugal; no Brasil, se chama concreto.

d) **situacional (de registro ou diafásica)**: É variação que ocorre de acordo com o contexto ou situação em que decorre o processo comunicativo. Há momentos em que é utilizado **um registro formal** e outros em que é utilizado **um registro informal**. Como exemplos, podemos citar o emprego da linguagem formal, a qual é considerada mais prestigiada e culta, e usada quando não há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações que requerem uma maior seriedade. Já a linguagem informal é considerada menos prestigiada e menos culta e é usada quando há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações descontraídas.

Para nosso estudo, devemos entender que temos uma norma que rege a língua escrita, que é a gramática. No entanto, a fala não trata de uma convenção, mas do modo como cada um utiliza esse acordo. Portanto, a língua falada é mais desprendida de regras, e, portanto, mais espontânea. Por esse motivo, está suscetível a transformações, diariamente. A mudança na escrita começa sempre a partir da língua falada, por isso, esta é tão importante quanto a língua escrita. Contudo, não é toda alteração na fala que é reconhecida na escrita, mas somente aquelas que têm significação relevante à sociedade.

O que determinará o nível de linguagem empregado é o meio social no qual o indivíduo se encontra. Portanto, para cada ambiente sociocultural há uma medida de vocabulário, um modo de se falar, uma entonação empregada, uma maneira de se fazer a combinação das palavras, e assim por diante.

Com base nessas considerações, não se deve pensar a comunicabilidade pelas noções de certo e errado, mas pelos conceitos de adequado e inadequado, segundo determinado contexto. Assim, não se obriga que um adolescente, reunido a outros em uma lanchonete, assim se expresse: “Vamos ao shopping assistir a um filme” (linguagem culta), mas admite-se: “Vamos **no** shopping **assistir um filme**” (linguagem coloquial).

Com base nisso, vamos aos principais níveis de linguagem:

**A linguagem culta ou padrão**: É aquela ensinada nas escolas e serve de veículo às ciências que se apresentam com terminologia especial. É usada pelas pessoas instruídas das diferentes classes sociais e caracteriza-se pela obediência às normas gramaticais. Mais comumente usada na linguagem escrita e literária, reflete prestígio social e cultural. É mais artificial, mais estável, menos sujeita a variações. Está presente nas aulas, conferências, sermões, discursos políticos, comunicações científicas, noticiários de TV, programas culturais etc.





A linguagem culta pode ser **formal** ou **informal**. Isso depende da intenção comunicativa e do meio utilizado para tal. Pode haver comunicação de acordo com a norma culta como no exemplo:

*“Prefeito, como pode uma ciclovia se esfacelar como papel, após uma onda mais alta. Será que você e sua prefeitura realmente pensaram na segurança?”*

Veja que todas as palavras estão de acordo com a norma culta, mesmo percebendo que o pronome “você”, relacionando-se a uma personalidade política, não seria o ideal.

Mas não podemos dizer que esse emprego estaria incorreto gramaticalmente, pois, fora do contexto político, formal, cabe o direcionamento a esta pessoa como “você”, como num bate-papo entre amigos políticos, familiares do prefeito, por exemplo. O contexto não requer o tratamento cerimonioso.

Muitas vezes essa informalidade é vista nas crônicas, em jornais, revistas, textos literários, cartas pessoais e comunicações não oficiais. Isso dá ao texto um desprendimento do rito, da formalidade, o qual a linguagem jornalística muitas vezes procura implementar.

Claro que um crítico político não usaria o pronome “você” direcionando-se a um prefeito, pois o contexto não permite; mas cabe numa crônica livre, humorística, por exemplo.

Assim, a mesma comunicação feita acima de cunho informal, agora é realizada de maneira **formal**. Veja:

*“Senhor Prefeito, como pode uma ciclovia se esfacelar como papel, após uma onda mais alta. Será que Vossa Excelência e sua prefeitura realmente pensaram na segurança?”*

**A linguagem popular ou coloquial:** É aquela usada espontânea e fluentemente pelo povo. Mostra-se quase sempre rebelde à norma gramatical e é carregada de vícios de linguagem (erros de regência e concordância; erros de pronúncia, grafia e flexão; ambiguidade; cacofonia; pleonasma), expressões vulgares, gírias. A linguagem popular está presente nas mais diversas situações: conversas familiares ou entre amigos, anedotas, irradiação de esportes, programas de TV (sobretudo os de auditório), novelas, expressão dos estados emocionais etc.

**Gíria:** Relaciona-se ao cotidiano de certos grupos sociais “os estudantes, esportistas, prostitutas, ladrões”. Esses grupos utilizam a gíria como meio de expressão do cotidiano, para que as mensagens sejam decodificadas apenas pelo próprio grupo; mas, muitas vezes, o palavreado ganha gosto da comunidade em geral, é veiculado pela mídia e assim se espalha rapidamente. Veja alguns exemplos:

*“Primeiro, ela pinta como quem não quer nada. Chega na moral, dando uma de Miqué, e acaba caindo na boca do povo. Depois desta ratina, vira lero-lero, sai de fininho e some. Mas, às vezes, volta arrebrandando, sem o menor aviso. Afinal, qual é a da gíria?”* (Cássio Schubsky, Superinteressante)

Além das gírias, podemos notar o **jargão** (vocabulário típico de uma dada especialidade profissional: “*desaquecimento da demanda*” = situação em que se compra menos); **estrangeirismo** (termos estrangeiros incorporados à nossa língua: “*spread*” = taxa de risco que se paga sobre um empréstimo, “*software*” = programas do computador) e o **neologismo** (palavras recentemente criadas: *televisar* = transmitir pela

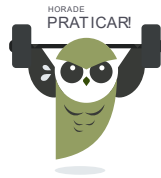


*televisão, principismo = atitude de intransigência na defesa de princípios, informatizar = submeter a tratamento informático)*

**Linguagem vulgar:** Existe uma linguagem vulgar “ligada aos grupos extremamente incultos, aos analfabetos”, aos que têm pouco ou nenhum contato com centros civilizados. Na linguagem vulgar multiplicam-se estruturas com “*nóis vai, ele fica*”, “*eu di um beijo nela*”, “*Vamo i no mercado*”.

**Linguagem regional:** Regionalismos ou falares locais são variações geográficas do uso da língua padrão, quanto às construções gramaticais, empregos de certas palavras e expressões e do ponto de vista fonológico. Há, no Brasil, por exemplo, falares amazônico, nordestino, baiano, fluminense, mineiro, sulino. Veja bem, linguagem regional é aquela característica de certa região e não necessariamente fere os preceitos gramaticais. Há linguagem regional que emprega os padrões gramaticais; há outras que não obedecem a esse padrão.

Vamos praticar um pouco!



### 1. (Marinha / EFOMM - Oficial 2014)

A despeito do estilo da escritora, que prima pela norma culta literária, observa-se, dado o tipo de gênero literário, uma aproximação a certas marcas da língua oral. Um desses exemplos da modalidade falada **NÃO** se encontra na opção

- A) – *Livro é pra ler! Não é para enfeitar estante!*
- B) *Quer ler Graham Greene, e fazer versos, e fumar feito um desesperado, e não perder praia no Arpoador, nem broto na vizinhança, nem filme na semana (...)*
- C) *Essa rapaziada parece que é mesmo toda assim.*
- D) *Coitado do Pablo Neruda, olha onde ele foi parar!*
- E) *E ponho as cobertas em cima da cama.*

**Comentário:** Nesta questão, não há necessidade de saber a qual autora o enunciado faz referência. Apenas observando as alternativas conseguimos identificar aquela em que não há linguagem oral.

A alternativa (A) apresenta linguagem oral, pois o termo “pra”, contração da preposição “para”, é tipicamente oral.

A alternativa (B) apresenta linguagem oral, pois há um grande encadeamento de orações, dando a impressão de que há uma pessoa falando várias coisas sem parar.



## Aula 13

A alternativa (C) apresenta linguagem oral, pois a expressão “que é mesmo” é usada para fazer o reforço de uma ideia, no caso, que “a rapaziada é toda assim”, sendo uma expressão típica da linguagem oral.

A alternativa (D) apresenta linguagem oral, pois a expressão “coitado” é típica da oralidade e o advérbio “onde” foi empregado de forma equivocada, mas muito usada na linguagem oral, uma vez que, de acordo com a norma padrão, o correto é “aonde”, visto que o verbo “foi” rege a preposição “a”.

A alternativa (E) é a que devemos marcar, pois não há termos ou expressões ligados à oralidade.

**Gabarito: E**

---

## 2. (Marinha / EAM Marinheiro – 2016)

Assinale a opção que apresenta marca de linguagem coloquial.

- "[...] as redes sociais são utilizadas, também, pelas empresas na promoção de seus bens e serviços [...] ."
- "[...] pessoas que não conseguiam se desligar de seus computadores pra entrar nas redes sociais [...]."
- "O próprio conceito de redes sociais é antigo e indica a integração de pessoas que têm um objetivo comum [...]."
- "Além dos problemas psicológicos de vício e isolamento social que estão sendo estudados [...]."
- "Com o advento dos aparelhos móveis e a ampliação dos recursos dos celulares [...]."

**Comentário:** De acordo com a norma culta, norma padrão, a preposição é “para”, e não “pra”. Esta última construção é típica da fala, da linguagem coloquial. Por isso, a alternativa a ser marcada é a (B).

**Gabarito: B**

---

## 3. (Marinha / CFN Soldado Fuzileiro Naval 2017)

**Fragmentos de textos:**

### TEXTO 1 – FUGA

- Me larga. Eu quero ir embora.

Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala – tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da despensa.

- Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.

- Fico, mas vou empurrar esta cadeira.

E o barulho recomeçou.

### TEXTO 2

Os principais problemas da agricultura brasileira referem-se muito mais à diversidade dos impactos causados pelo caráter da modernização, do que à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes. Se hoje existem milhões de estabelecimentos agrícolas marginalizados, isso se deve muito mais à natureza do próprio processo de modernização, do que à sua suposta falta de abrangência.



Tome como referência as seguintes frases: texto 1 – linha 4 “- *Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.*” e texto 2 - linhas 1 a 3 “*Os principais problemas da agricultura brasileira referem-se muito mais à diversidade dos impactos causados pelo caráter da modernização, do que à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes.*”. É possível observar que o registro da linguagem utilizado em ambos os trechos foi diferente, podendo ser classificados, respectivamente, como registros

- A) culto e coloquial.
- B) informal e culto.
- C) informal e popular.
- D) culto e formal.
- E) popular e informal.

**Comentário:** O trecho do texto 1 “- *Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.*” é a transcrição de uma fala. Com características de oralidade como o advérbio de lugar “aí” a pergunta “*está ouvindo?*” em que o locutor pretende confirmar se seu interlocutor está prestando a atenção na sua fala e a frase “*Papai está trabalhando.*”, em que o locutor refere-se a si mesmo para falar com o filho. Com isso, o registro do trecho é informal.

Já o registro do texto 2 é culto, uma vez que é uma publicação de jornal, cuja intenção é atingir um público amplo, de forma que todos ou a grande maioria dos leitores entendam o texto.

**Gabarito: B**

---

#### 4. (Aeronáutica / ITA Aluno – 2015)

Assinale a opção que apresenta características de coloquialidade.

- a) Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades.
- b) O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!
- c) Aí o sinal fica verde e eu continuo.
- d) Acabaram de chegar ao último patamar.
- e) O diploma era mais que garantia de emprego.

**Comentário:** Note que a alternativa (C) apresenta o advérbio “Aí”, o qual normalmente marca a noção de lugar (Ele está **aí**? Você está **aí**?). Porém, neste contexto, ele marca uma ideia de resultado, conclusão, o que normalmente não é utilizado na linguagem formal, padrão.

Tal recurso é emprego na linguagem coloquial.

**Gabarito: C**

---



## 5. (UFSC)

Texto:

Papos

- Me disseram...
- Disseram-me.
- Hein?
- O correto é “disseram-me”. Não “me disseram”.
- Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é “digo-te”?
- O quê?
- Digo-te que você...
- O “te” e o “você” não combinam.
- Lhe digo?
- Também não. O que você ia me dizer?
- Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?
- Partir-te a cara.
- Pois é. Parti-la hei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.
- É para o seu bem.
- Dispensando as suas correções. Vê se esquece-me. Falo como bem entender. Mais uma correção e eu...
- O quê?
- O mato.
- Que mato?
- Mato-o. Mato-lhe. Mato você. Matar-lhe-ei-te. Ouviu bem?
- Pois esqueça-o e para-te. Pronome no lugar certo é elitismo!
- Se você prefere falar errado...
- Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?
- No caso... não sei.
- Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como “esquece”? Você prefere falar errado? E o certo é “esquece” ou “esqueça”? Ilumine-me. Me diga. Ensine-me, vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.



## Aula 13

- Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
- Agradeço-lhe a permissão para falar errado que mas dá. Mas não posso mais dizer-lo-te o que dizer-te-ia.
- Por quê?
- Porque, com todo este papo, esqueci-lo.

Verissimo, Luis Fernando. Novas comédias da vida pública, a versão dos afogados. Porto Alegre: L&PM, 1997. [Adaptado].

De acordo com o texto acima e com a norma padrão escrita, é correto afirmar que:

- A) um dos falantes não frequentou a escola.
- B) o diálogo entre amigos é uma oportunidade para aprender regras da norma padrão.
- C) a forma de dizer é mais importante do que o conteúdo.
- D) não é possível um diálogo entre pessoas que usam diferentes variantes linguísticas.
- E) a preocupação excessiva com a forma gerou truncamento na comunicação.

**Comentário:** No início do texto, o primeiro falante diz “– Me disseram...”, tentando iniciar uma conversa com seu interlocutor. Entretanto, em vez de o interlocutor ouvir o resto da frase, ele interrompe o falante para corrigi-lo. Dessa forma, todo o diálogo passa a ser pautado da correção gramatical entre os falantes, gerando um truncamento na comunicação, isto é, o assunto não se desenvolve e a conversa fica incompleta.

Com isso, a alternativa (E) é a correta.

**Gabarito: E**

## 6. (CEPUERJ)

### OS TAIS HIGIENISTAS

Careta, 4 dez. 1920

Queria escrever uma longa carta ao Excelentíssimo Senhor doutor Carlos Chagas sobre a sua Saúde Pública e o draconiano regulamento que Sua Excelência acaba de extorquir dos poderes da República.

Há muitas presunções profissionais. Há a presunção literária, que é ridícula; há a militar, que é odiosa; há a médica, que é de uma lamentável estreiteza; e muitas outras, porque cada profissão tem a sua presunção e se julga como dominadora de todas as outras, sem perceber que todos os ofícios se entrelaçam e a nossa sociedade é uma rede de artes e mesteres, todos eles necessários a ela.

O Senhor Chagas é o mais alto representante da presunção médica.

Ele julga que, se há tuberculose, é porque não se decreta tal e qual lei e não se põe a sua execução nas mãos dele e de seus colegas; se há opilação é porque não se açoita o sujeito que anda descalço e não se fuzila o que não constrói fossos sépticos nos fundos do seu “tijupar” ou cousa que o valha; e, assim, por diante.

Todos os males da humanidade estariam curados se ela fosse governada por ditadores médicos, auxiliares acadêmicos, mata-mosquitos, etc., etc.

O equilíbrio de outras condições da vida atual com as necessidades da higiene, ele não vê.



## Aula 13

Não vê que é preciso dinheiro para se ter boa alimentação, vestuário e domicílio, condições primordiais da mais elementar higiene; entretanto, por isto ou por aquilo, a maioria da população do Brasil se debate na maior miséria, luta com as maiores necessidades, não podendo obter aqueles elementos de vida senão precariamente, mesmo assim custando-lhe os olhos da cara.

Sua Excelência antes de expedir regulamentos minuciosos sobre tantos atos da nossa vida doméstica, devia ter o cuidado de facultar-nos os meios de realizar as suas exigências.

O que há em Sua Excelência, é o que há em todos de sua categoria: Sua Excelência nunca conheceu necessidades e afere a vida dos outros pela sua, feliz e rica.

Por falar nisto, lembro aqui um caso.

Quando morreu o professor Francisco de Castro, suspeitou-se que houvesse sido de peste, que reinava entre nós naquele tempo.

Os médicos da Saúde Pública quiseram verificar a cousa; mas a camarilha do doutor Castro, a cuja frente se achava o Senhor Azevedo Sodré, se opôs violentamente que cumprissem o seu dever. Chico Castro não podia morrer de peste bubônica...

São assim os nossos ferrabrases de higienistas à prussiana: dois pesos e duas medidas...

BARRETO, Lima. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (Org.). Toda Crônica. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 237-238. v.2.

No texto, em relação à linguagem, emprega-se predominantemente o(a):

- A) linguagem regional, embora se identifiquem exemplos da linguagem formal, como em “Sua Excelência acaba de extorquir dos poderes da República”
- B) nível informal, embora se identifiquem exemplos da linguagem formal, como em “o cuidado de facultar-nos os meios de realizar as suas exigências”
- C) nível formal, embora haja exemplos de linguagem informal, como em “custando-lhe os olhos da cara”
- D) gíria, embora haja exemplos da linguagem informal, como em “cousa que o valha”

**Comentário:** Já no início do texto, notamos uma linguagem formal, quando, por exemplo, ao se digirir a Carlos Chagas, o autor escreve “Excelentíssimo Senhor doutor Carlos Chagas”. Além disso, há emprego de ênclise como em “facultar-nos” e de palavras menos comuns no vocabulário como “afere” (compara, avalia), “opilação” (entupimento), “ferrabrases” (que ou aquele que conta bravatas, que alardeia coragem sem ser corajoso), “draconiano” (que ou o que é excessivamente rigoroso ou drástico) etc.

Entretanto, como forma de fazer analogias, o autor utiliza expressões típicas da linguagem informal como “custando-lhe os olhos da cara” e “dois pesos e duas medidas”.

Dessa forma, emprega-se predominantemente o nível formal da linguagem, embora haja exemplos de linguagem informal, como em “custando-lhe os olhos da cara”.

Portanto, a alternativa (C) é a correta.

**Gabarito: C**



## 7. (IF-MS)

Leia a crônica “Sketches”, de Luís Fernando Veríssimo.

Dois homens tramando um assalto.

- Valeu, mermão? Tu traz o berro que nós vamo rendê o caixa bonitinho. Engrossou, enche o cara de chumbo.

Pra arejá.

- Podes crê. Servicinho manero. É só entrá e pegá.

- Tá com o berro aí?

- Tá na mão.

Aparece um guarda.

- Ih, sujou. Disfarça, disfarça...

O guarda passa por eles.

- Discordo terminantemente. O imperativo categórico de Hegel chega a Marx diluído pela fenomenologia de Feurbach.

- Pelo amor de Deus! Isso é o mesmo que dizer que Kierkegaard não passa de um Kant com algumas sílabas a mais. Ou que os iluministas do século 18...

O guarda se afasta.

- O berro, tá recheado?

- Tá.

- Então, vamlá!

Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/1731104>. Acesso em: 08.11.18

Com relação à noção de variações linguísticas, considere as afirmações abaixo a partir do fato narrado na crônica:

- I. Os dois assaltantes usam a gíria típica de malandros e mudam o nível de linguagem para disfarçar quando o guarda se aproxima.
- II. Quando o guarda se aproxima, os dois malandros passam a falar sobre filosofia numa linguagem culta para impressioná-lo, dando a impressão de serem intelectuais.
- III. A crônica mostra que há um preconceito com relação ao nível de linguagem que usamos, e, por isso, ela é um fenômeno de exclusão social.
- IV. Por ser um estilo coloquial, a gíria só é usada por pessoas de baixa escolaridade, como, por exemplo, assaltantes.
- V. A crônica mostra que devemos ter uma consciência linguística para as diferentes situações de uso da linguagem.

Está CORRETO o que se afirma em:

A) I, II, III e IV.





Aula 13

B) I, II, III, IV e V.

C) I, II, III e V.

D) II, IV e V.

E) II, III e IV.

**Comentário:** No início do texto, enquanto os assaltantes conversam combinando o assalto, é empregada a linguagem própria desses falantes, com o largo uso de gírias e linguagem informal. Observe: *“Valeu, mermão? Tu traz o berro que nós vamo rendê o caixa bonitinho. Engrossou, enche o cara de chumbo.”*.

Quando o guarda se aproxima, os homens trocam a linguagem e o assunto para disfarçar, empregando uma linguagem mais formal e discutindo sobre um assunto filosófico, de maneira que ambos não levantassem suspeitas. Veja:

*“Discordo terminantemente. O imperativo categórico de Hegel chega a Marx diluído pela fenomenologia de Feurbach.”*

Dessa forma, as afirmativas I e II estão corretas.

A afirmativa III está correta, pois os próprios assaltantes possuem a consciência de que seu modo de falar levantaria suspeitas, caracterizando, portanto, um preconceito linguístico e a posterior exclusão social desse grupo de falantes.

A afirmativa IV está errada, pois a gíria é um fenômeno linguístico que permeia todos os grupos de falantes, sejam eles de baixa ou alta escolaridade.

A afirmativa V está correta, pois a crônica mostra claramente que devemos adaptar a nossa linguagem para as diferentes situações.

Assim, a alternativa (C) é a correta.

**Gabarito: C**

---



ATENÇÃO: AS DUAS QUESTÕES A SEGUIR DEVEM SER RESPONDIDAS COM BASE NA CHARGE A SEGUIR.



### 8. (FGV)

Assinale a opção que indica as palavras da charge que mostram variação popular de pronúncia.

- (A) Ai – Sinhô.
- (B) Sinhô – ah.
- (C) Sinhô – tô.
- (D) tô – manda.
- (E) manda – ela.

**Comentário:** Nas alternativas apresentadas, “Ai” e “ah” são interjeições aceitas na norma culta. As palavras que mostram variação popular de pronúncia são “sinhô” e “tô”.

Dessa maneira, a alternativa (C) é a correta.

**Gabarito: C**

### 9. (FGV)

Assinale a opção em que o segmento verbal da charge não apresenta problemas de norma-padrão.

- (A) Ai Jesus.
- (B) Me ajuda.
- (C) Ah Sinhô.
- (D) há meses.



(E) manda logo ela.

**Comentário:** Na alternativa (A), “Jesus” é vocativo, portanto a vírgula é obrigatória: “Ai, Jesus”.

Na alternativa (B), a forma correta é “Ajuda-me”, pois não se pode iniciar a frase com um pronome átono.

Na alternativa (C), deve-se usar a vírgula ou exclamação destacando a interjeição e o vocativo: “Ah! Sinhô!”

A alternativa (D) é a correta, pois “há meses” pode ser substituído por “faz meses”, portanto tal verbo apresenta valor de tempo decorrido e não se flexiona no plural.

Na alternativa (E), o pronome “ela” não pode ocupar a função de objeto direto, por isso deve ser substituído por “a”: “Manda-a”.

**Gabarito: D**

## 10. (CRS PMMG / CFS/CSTSP)

A necessidade da Interatividade entre a Polícia e a População

Por Archimedes Jose Melo Marques

Em um país em que a sociedade clama por uma segurança pública mais eficaz e mais presente, nota-se que o organismo estatal sente-se impotente e incapaz para debelar sozinho a crescente onda de violência que assola todos os lugares.

A Polícia como figura principal encarregada de manter a ordem pública para a consequente prestação da paz social precisa da conscientização e cooperação de toda a sociedade para alcançar os seus objetivos, entretanto, é fato presente que o povo, na sua maioria, ainda tem a polícia como se fosse então esta instituição a única responsável pelo assolamento da violência no país, a principal responsável pelo recrudescimento da criminalidade, como se fossem então os policiais seres Onipotentes e Onipresentes para estarem em todos os lugares, a todo o momento, a fim de evitar ou descobrir crimes como num passe de mágica.

A violência e o aumento da criminalidade que atingem o povo, atingem também a Polícia, o Governo. Atingem a toda a sociedade. Todos nós estamos na mesma aflição.

A paz é a aspiração e o desejo fundamental de todo ser humano, entretanto, só poderá ser atingida com a ordenação da potencialidade da sociedade e do poder público em torno do ideal comum de uma segurança justa, cooperativa e interativa.

A Lei entrega à Polícia o poder do uso da força. Essa exclusividade da violência legal visa tão somente ajudar a regular as interações sociais. Através desse poder legitimado e da função específica de manter a ordem pública, a sociedade espera da sua Polícia toda a proteção possível e até impossível, entretanto, pouco ou nada faz para ajudá-la.

O estudo das relações humanas constitui uma verdadeira ciência complementada por uma arte, a de se obter e conservar a cooperação e a confiança das partes envolvidas, por isso o presente apelo que visa



uma verdadeira interatividade entre a Polícia e a sociedade para melhor se combater a violência e a criminalidade reinante no país.

Durante muito tempo, a sociedade pouco se incomodou com a questão da violência, da criminalidade e tinha a Polícia apenas como um mal necessário quando na verdade é esta valorosa instituição de defesa do cidadão, um bem essencial, um real instrumento da cidadania e da ordem pública. A Polícia é, antes de tudo, a guardiã das Leis Penais e o alicerce da Justiça. Sem a Polícia haveria o caos social absoluto.

O preceito constitucional de que a segurança pública é direito e responsabilidade de todos deve sempre crescer até ganhar apoio da maioria populacional e não apenas de uma parcela da sociedade. Os conselhos de segurança dos Estados, das cidades, dos bairros, dos povoados e as organizações não governamentais devem se fortalecer cada vez mais com a conscientização e a união ampla e irrestrita para ajudar a Polícia na sua árdua missão de combater o crime e resgatar a ordem ferida.

A sociedade brasileira precisa confiar mais na sua Polícia, no seu Ministério Público, na sua Justiça. Precisamos resgatar a confiança do povo nas suas instituições de combate ao crime, perdida através dos tempos.

Na mesma velocidade em que a criminalidade e a violência avançam no nosso país por motivos diversos, o crime organizado ganha forças principalmente com o tráfico de drogas que termina sendo a raiz de todos os outros crimes subsequentes, tais como: sequestros, homicídios, latrocínios, roubos, torturas, corrupções, extorsões, lesões corporais...

Precisamos, além de leis mais rígidas e menos burocráticas, da união de todos os segmentos da sociedade e em especial do poder público para formar uma Polícia verdadeiramente forte trabalhando sempre em interatividade com a população para enfim combatermos a marginalidade com mais presença, combate este que deve ter um maior investimento em ações preventivas para não sobrecarregar as ações repressivas como de fato vem ocorrendo no nosso país.

Assim teremos uma força satisfeita, trabalhando todos como verdadeiros parceiros contra o crime em busca do ideal comum de uma segurança pública mais adequada e constante que a sofrida população brasileira bem merece.

Autor: Archimedes Marques (delegado de Polícia no Estado de Sergipe. Pós-Graduado em Gestão Estratégica de Segurança Pública pela UFS) – adaptado da versão disponível em: Acesso em: 05 fev. 2018.

Assinale a alternativa em que todas as características apresentadas podem ser atribuídas ao texto escrito pelo delegado Archimedes Jose Melo Marques.

- A) Linguagem direta, informal, espontânea e dialógica.
- B) Uso acentuado de linguagem figurada e de efeitos expressivos.
- C) Tratamento de tema atual de forma crítica e resignada.
- D) Objetivo e uso predominante de 3ª pessoa.

**Comentário:** A alternativa (A) está errada, pois, apesar de a linguagem do texto ser direta, ela não é informal, tendo em vista que o recurso utilizado nos vocábulos transmite uma noção de que a linguagem tenha sido formal e não espontânea. Além disso, observa-se que não houve diálogos entre partes, o texto, então, não é dialógico.



A alternativa (B) está errada, pois não se encontra emprego acentuado de linguagem figurada, haja vista ser um texto dissertativo, formal e objetivo. Dessa forma, a linguagem passa a ser direta e literal, não havendo a intenção do autor de colocar efeitos expressivos, como se estilística fosse.

A alternativa (C) está errada, tendo em vista que o tema, sim, é atual, porém não houve um tratamento com resignação, ou seja, o autor não está conformado com essa situação, por isso argumenta buscando a parceria entre a população e a polícia no combate à criminalidade com mais eficiência.

A alternativa (D) é a correta, pois observamos no texto uma linguagem objetiva com a qual o delegado pretende convencer a todos de que a sociedade e a polícia precisam criar parcerias para que o trabalho desta se torne mais produtivo. Além disso, nos trechos em que o autor quer convencer o leitor de sua opinião, ele lança mão do uso da 3ª pessoa do discurso para passar mais confiança e credibilidade para o leitor. Observe que, quando o autor usa palavras na primeira pessoa do plural, ele não torna o texto subjetivo, apenas se inclui em suas generalizações.

**Gabarito: D**

## O Roubo do Relógio

Rolando Boldrin

Naquele arraial do Pau Fincado, havia um sujeitinho danado pra roubar coisas. Às vezes galinha, às vezes cavalo, às vezes coisas miúdas. A verdade é que o dito cujo era chegado em surrupiar bens alheios.

Todo mundo daquele arraial já estava até acostumado com os tais furtos. E a coisa chegou a tal ponto de constância que bastava alguém da por falta de qualquer objeto e lá vinha o comentário: “Ah, foi o Justino Larápio”.

E foi numa dessas que sumiu o relógio do cumpadi João, um cidadão por demais conhecido por aquelas bandas do Pau Fincado. Foi a conta de sumir o relógio dele para o dito cujo correr pra delegacia mais próxima e dar parte do fato.

O delegado pediu que o sêo João arranjasse três testemunhas para lavrar o ocorrido e então prender o tal ladrãozinho popular. Arranjar três testemunhas de que o tal Justino havia surrupiado qualquer coisa era fácil, dado a popularidade do dito cujo pra esses afazeres fora da lei.

A cena que conto agora transcorreu assim, sem tirar nem pôr. Intimado o Justino, eis ali, ladrão, vítima e três testemunhas:

DELEGADO (para a primeira testemunha) – O senhor viu o Justino roubar o relógio do sêo João, aqui presente?

TESTEMUNHA 1 – Dotô.Vê, ansim com os óio, eu num posso dizê que vi. Mas sei que ele é ladrão mêmo. O que ele vê na frente dele, ele passa a mão na hora. Pode prendê ele dotô!

DELEGADO (para a segunda testemunha) – E o senhor? Viu o Justino roubar o relógio do sêo João?

TESTEMUNHA 2 – Óia, dotô ...num vô falá que vi ele fazê isso, mas todo mundo no arraiaí sabe que ele róba mêmo, uai. Pode prender sem susto. Eu garanto que foi ele que robô esse relógio.

DELEGADO (para a última testemunha) – E o senhor? Pode me dizer se viu o Justino roubar o relógio do sêo João?



TESTEMUNHA 3 – Dotô, ponho a mão no fogo si num foi ele. Prende logo esse sem vergonha, ladrão duma figa. Foi ele mêmô!

DELEGADO – Mas o senhor não viu ele roubar? O senhor sabe que foi ele, mas não viu o fato em si?

TESTEMUNHA 3 – Num carece de vê, dotô! Todo mundo sabe que ele róba. Pode preguntá pra cidade intêra. Foi ele. Prende logo esse peste!

DELEGADO (olhando firme para o Justino) – Olha aqui, Justino. Eu também tenho certeza de que foi você que roubou o relógio do sêo João. Mas, como não temos provas cabíveis, palpáveis e congruentes... você está, por mim, absolvido.

JUSTINO (espantado, arregalando os olhos para o delegado) – O que, dotô ? O que que o sinhô me diz? Eu tô absorvido????

DELEGADO – Está absolvido.

JUSTINO – Qué dizê intão que eu tenho que devorvê o relógio?

Disponível em: <http://www.rolandoboldrin.com.br/causos>. Acessado em 19 ago. de 2016.

### 11.(CRS PMMG)

Marque a alternativa CORRETA. Quanto à diversidade linguística no texto apresentado, podemos afirmar que o autor optou por:

- A. ( ) utilizar uma variação diastrática.
- B. ( ) utilizar uma variação diafásica.
- C. ( ) utilizar uma variação histórica.
- D. ( ) utilizar uma variação diatópica.

**Comentário:** Percebemos na fala das personagens que há uma variação linguística social (diastrática), pois, ao compararmos as falas do delegado com as falas de Justino e das três testemunhas, percebemos que o delegado é mais formal, denotando mais estudo e as outras personagens são mais informais, com muitas marcas de oralidade e regionalismos. Observe:

*DELEGADO (para a primeira testemunha) – O senhor viu o Justino roubar o relógio do sêo João, aqui presente?*

*TESTEMUNHA 1 – Dotô. Vê, ansim com os óio, eu num posso dizê que vi. Mas sei que ele é ladrão mêmô. O que ele vê na frente dele, ele passa a mão na hora. Pode prendê ele dotô!*

Assim, a alternativa (A) é a correta.

A alternativa (B) está errada, pois, se fosse uma variação de registro, as personagens usariam o registro formal na presença do delegado.

A alternativa (C) está errada, pois não há registro histórico.

A alternativa (D) está errada, pois as falas apresentam o registro de apenas uma variedade, a do interior. Não há outros registros no texto.

**Gabarito: A**



## 12.(CRS PMMG)

Leia as assertivas abaixo e, ao final, responda o que se pede.

- I. A variação linguística é um interessante aspecto da língua portuguesa e pode ser compreendida por meio das influências históricas e regionais sobre os falares.
- II. A língua é um sistema que não admite nenhum tipo de variação linguística, sob pena de empobrecimento do léxico.
- III. O tipo de linguagem do texto compromete o seu entendimento ao leitor.

Marque a alternativa CORRETA.

- A. ( ) Apenas a assertiva II, está correta.
- B. ( ) Apenas a assertiva I, está correta.
- C. ( ) Apenas a assertiva III, está correta.
- D. ( ) Todas as assertivas estão corretas



**Comentário:** A assertiva I está correta, pois a variação linguística ocorre devido aos seguintes fatores: histórico, social, geográfico/regional e de registro.

A assertiva II está errada, pois a variação linguística, pelo contrário, enriquece o léxico, trazendo palavras novas a todo o momento.

A assertiva III está errada, pois a linguagem do texto está clara e objetiva, assim como a linguagem jornalística deve ser para que todos compreendam o conteúdo do texto.

Com isso, a alternativa correta é a (B), em que apenas a assertiva I é a correta.

**Gabarito: B**

### 13. (CRS PMMG / CFS/CSTSP)

#### “Pequenas” corrupções

Leonardo Teixeira

Apesar desse tema não ser novidade, é necessário o seu debate. O brasileiro é famoso pelo seu jeitinho de lidar com as coisas cotidianas. A *Lei de Gérson* que regula a tendência de levar vantagem nas diversas situações, burlando a ética, a moral e os bons costumes.

Diante dos desmandos e da péssima situação política e econômica em que vivemos, cresce nas ruas e nas redes sociais um movimento apertado que se protesta contra as grandes corrupções que vem assolando todo o país.

Os literatos costumam lembrar do malandro Leonardo, personagem de Manuel Antônio de Almeida em sua obra *Memórias de um Sargento de Milícias* (livro diferente do romantismo convencional), que aprontava bastante no Rio de Janeiro (século XIX). Pedro Malazarte é personagem de data e fama ainda mais remota. Ambos contavam com suas espertezas para levar vantagens e aprontarem suas arruaças.

Se a corrupção política é apenas a ponta de um iceberg, como disse o escritor Pedro Kernal, ela é mesmo um reflexo cultural de se achar normal tudo o que procede desse jeitinho vantajoso de lidar com diferentes coisas. “Jeito de agir segundo os afetos e não segundo a razão pura”, segundo o filósofo Immanuel Kant.

Muitos acham normal falsificar carteirinha de estudante, furtar e burlar sinal de TV a cabo, comprar e vender produtos falsificados, furar filas, colar e passar cola nas provas (ou copiar trabalhos, textos e artigos da internet), bater ponto e assinar lista de presença para colegas de trabalho ou de estudo, apresentar atestados médicos falsos, inventar uma justificativa, as mentiras tidas como socialmente necessárias, vender ou comprar o voto, estacionar em vagas especiais (ainda que seja rapidinho), falsificar assinaturas, declarar informações falsas no imposto de renda (omitir ou comprar notas), receber troco a mais e não devolver, não dar nota fiscal (ou o valor correto), desrespeitar lugares reservados em ônibus, cinema, teatro, estacionamento etc, levar para casa enfeites de festa que não são cortesia, tentar subornar o policial ou guarda de trânsito, burlar normas de trânsito (sinais e “gatos” por exemplo), desrespeitar normas trabalhistas, andar pelo acostamento ou em pistas reservadas a ônibus), burlar licitações e obter vantagens indevidas, pagar multas e continuar desobedecendo a lei, jogar lixo pela janela ou nas ruas, receber auxílios sem necessidade (moradia, deslocamento, verbas de gabinete, despesas extras) etc.

Muitos acreditam que pequenos delitos como esses não se comparam a grandes corrupções milionárias, mas se esquecem que ambos são delitos, são atitudes desonestas que desonram nosso caráter.





## Aula 13

Somos todos humanos e imperfeitos, mas isso não impede que num determinado momento de nossas vidas possamos dar um basta a atitudes como essas, que são de fato desonestas. Não há mentiras grandes e pequenas, na bruta concepção da palavra. Uma água límpida deixa de ser potável com uma mísera bactéria num cisco e também com uma colher cheia de dejetos. Óbvio que as consequências são diferentes para cada tipo de ação.

Uma relevante campanha da Controladoria-Geral da União, intitulada “Pequenas Corrupções – Diga Não” merece um destaque ainda maior. Mudamos um país investindo na educação e cultura de cada indivíduo. O comportamento que é socialmente adequado hoje pode não ser amanhã.

Quando todos decidirem mudar o caráter de cada indivíduo, a ética cívica coletiva será mudada. A corrupção que está tão arraigada em determinado partido não é responsabilidade exclusiva da classe política, é fruto dessa aceitação generalizada de obter vantagens, desse jeitinho torpe de ser e de se achar mais merecedor do que os demais. Adote essa ideia!

Disponível em: <https://www.dm.com.br/opiniao/2015/05/pequenas-corrupcoes.html>. Acesso em 10 de junho de 2016.

Em relação às características presentes no texto lido, marque a alternativa CORRETA.

- A) O texto apresenta linguagem informal, clara e objetiva.
- B) No texto, há predominância de discurso direto.
- C) O texto foi escrito em terceira pessoa.
- D) O texto é curto e de caráter subjetivo.

**Comentário:** A alternativa (A) está errada, pois a linguagem do texto é formal, não havendo predomínio de gírias ou outros registros informais da língua.

A alternativa (B) está errada, pois o texto cita apenas uma vez a fala de outrem. Veja: *“Jeito de agir segundo os afetos e não segundo a razão pura”*, segundo o filósofo Immanuel Kant.

A alternativa (C) é a correta, pois o autor escreve o texto de forma impessoal, apenas em alguns momentos ele se inclui em suas generalizações como em *“Diante dos desmandos e da péssima situação política e econômica em que vivemos”* e *“somos todos seres humanos”*.

Note que, para construir seu argumento, o autor utiliza a terceira pessoa: *Apesar desse tema não ser novidade, é necessário o seu debate; Os literatos costumam lembrar do malandro Leonardo; Muitos acreditam que pequenos delitos como esses não se comparam a grandes corrupções milionárias.*

A alternativa (D) está errada, pois o texto é claro e objetivo.

**Gabarito: C**

### 14.(FCC)

Embora tivesse vindo ao mundo no dia 16 de Novembro de 1922, os meus documentos oficiais referem que nasci dois dias depois, a 18: foi graças a esta pequena fraude que a família escapou ao pagamento da multa por falta de declaração do nascimento no prazo legal.



(SARAMAGO, José. Disponível em: <http://josesaramago.blogs.sapo.pt/95061.html>. Acesso em 23/03/2014)

No texto acima, verifica-se que o emprego da preposição em “a 18” é indicativo da variedade linguística

- a) histórica, que se refere à dinamicidade da língua, que muda permanentemente com os seus falantes.
- b) social, que depende do contexto de comunicação, de quem são os interlocutores e seus objetivos.
- c) relativa à faixa etária: crianças, jovens, adultos e velhos podem ter um vocabulário diverso.
- d) geográfica, pois se refere ao uso da mesma língua em diferentes países.
- e) de registro, relacionada ao maior grau de informalidade entre os interlocutores.

**Comentário:** Basta observarmos que José Saramago é um escritor Português. Assim, ele emprega a Língua Portuguesa de Portugal, que essencialmente emprega o adjunto adverbial de tempo com a preposição “a”: “a 18”. Assim, há uma variedade geográfica, pois, no Português do Brasil, empregamos normalmente o adjunto adverbial de tempo com a preposição “em”: “em 18”. Esse é o motivo de a alternativa (D) ser a correta.

Por exclusão, entendemos que as demais alternativas não apresentam justificativa correta.

**Gabarito: D**

### 15.(BIO RIO)

O seguinte pensamento está totalmente expresso em linguagem formal:

- a) “Quem não gosta de estar consigo mesmo, em geral, está certo”. (Coco Chanel)
- b) “A família é como a varíola: a gente tem quando criança e fica marcado para o resto da vida”. (Sartre)
- c) “O Brasil já está à beira do abismo. Mas ainda vai ser preciso um grande esforço de todo mundo pra colocarmos ele novamente lá em cima”. (Millôr Fernandes)
- d) “O otimista é um cara que acredita que o que está para acontecer será adiado”. (Kin Hubbard)
- e) “Consciência é como a vesícula: a gente só se preocupa com ela quando dói”. (Stanislaw Ponte Preta)

**Comentário:** Veja que linguagem formal não é apenas o emprego da norma culta. Além disso, deve haver adequação das palavras com certo rigor.

A alternativa (A) é a correta, pois se encontra de acordo com a norma culta e não apresenta palavras com certa liberdade linguística.

A alternativa (B) está errada, pois a palavra “varíola” foi empregada numa comparação típica de linguagem livre, sem adequação ao rito formal. Tal palavra seria empregada formalmente numa comparação entre doenças, cujo campo semântico levaria ao nível mais adequado. Além disso, a expressão “a gente”, referindo-se ao grupo a que pertence o autor do texto, é típica de linguagem coloquial/informal.

A alternativa (C) está errada, pois o vocábulo “pra” e o pronome “ele” (como objeto direto) são típicos da linguagem coloquial. A norma culta preconiza a preposição “para” e o pronome átono “o” como objeto direto. Assim, para que a frase esteja de acordo com a norma culta, teremos o seguinte:



*“Mas ainda vai ser preciso um grande esforço de todo mundo **para o** colocarmos novamente lá em cima.”*

A alternativa (D) está errada, pois a palavra “cara” não está adequada ao rito formal. Ela se refere a uma pessoa numa linguagem informal. A formalidade seria respeitada com a palavra “pessoa”.

A alternativa (E) está errada, pois a palavra “vesícula” também foi empregada numa comparação típica de linguagem livre, sem adequação ao rito formal. Tal palavra seria empregada formalmente numa comparação entre órgãos/partes do corpo humano, cujo campo semântico levaria ao nível mais adequado. Além disso, a expressão “a gente”, referindo-se ao grupo a que pertence o autor do texto, é típica de linguagem coloquial/informal.

**Gabarito: A**

---

### 16.(NC-UFPR)

Considere a seguinte frase:

Os dispositivos implantados em pacientes emitiriam sinais, em tempo real, que informariam aos sistemas de vigilância dos hospitais se tudo está bem ou não, \_\_\_\_\_ significativamente as situações de emergência.

Considere as seguintes possibilidades de preenchimento da lacuna acima:

1. atenuando
2. vindo a atenuar
3. onde atenuaria
4. o que atenuaria

São abonadas pela norma padrão da língua portuguesa no Brasil as formas: a) 2 e 4 apenas.

b) 3 e 4 apenas.

c) 1, 2 e 3 apenas.

d) 1, 2 e 4 apenas.

e) 1, 2, 3 e 4.

**Comentário:** A questão chamou a atenção quanto ao emprego do pronome relativo “onde”, o qual só pode retomar lugar, além de ter a função de adjunto adverbial de lugar. Note que a expressão “bem ou não” transmite valor adverbial de modo, por isso não é adequado o emprego do referido pronome relativo.

Como a norma padrão da língua portuguesa não permite esse emprego vicioso e acolhe o emprego da oração reduzida de gerúndio e o emprego do pronome demonstrativo “o”, seguido de oração subordinada adjetiva, a alternativa correta é a (D).

**Gabarito: D**

---



**17.(FCM)**

A “facebookização” do jornalismo

Cleyton Carlos Torres

[1º§] A crise que embala o jornalismo não é de hoje. Críticas a aspectos conceituais, morais, editoriais e até financeiros já rondam esse importante pilar da democracia há um bom tempo. O digital, então, acabou surgindo para dar um empurrãozinho – tanto para o bem como para o mal – nas redações mundo afora. Prédios esvaziados, startups revolucionárias, crise existencial e um suposto adversário invisível: o próprio leitor.

(...)

[5º§] O abuso de listas, o uso de “especialistas de Facebook” como fonte, pautas sendo construídas com base em timelines alheias ou o frenesi encantador de likes e shares têm feito com que uma das maiores armadilhas das redes sociais abocanhe o jornalismo. O jornalismo, como instituição e pilar da democracia, agora se comporta como um usuário de internet, jovem, antenado, mas que não tem como privilégio o foco ou a profundidade. A armadilha se revela justamente no momento em que “ser um usuário” passa a valer como entendimento de “dialogar com o usuário”.

O uso de termos como ‘empurrãozinho’ (1º§) e ‘abocanhe’ (5º §) demonstra que o registro linguístico, no texto 1, apresenta marcas de a) modismo.

b) formalidade.

c) popularismo.

d) rebuscamento.

**Comentário:** Veja que as palavras “empurrãozinho” e “abocanhe” são típicas da linguagem livre, coloquial, informal. Assim, ela tem ligação com a linguagem mais popular. Com isso, a alternativa (C) é a correta.

O modismo linguístico é a linguagem que ganha gosto de determinada geração ou grupo de pessoas, mas por vezes perde a graça e a força e cai no esquecimento. Algumas expressões coloquiais como “a nível de”, “vamos estar atendendo (gerundismo)” e outras mais estão na moda e não estão de acordo com a norma culta. As palavras grifadas no texto não são modismos.

A formalidade tem a preocupação do emprego da norma culta, além da adequação ao meio formal em que a mensagem é utilizada. Ficou fácil notar que não há formalidade neste texto.

Rebuscamento é um nível a mais da formalidade, isto é, além da formalidade, da preocupação com a norma culta, a palavra é empregada de maneira mais sofisticada, requintada, aprimorada. Também ficou fácil notar que não há rebuscamento neste texto.

**Gabarito: C**



## 18.(FGV)



A fala da funcionária “OK, Senhor. Vou estar anotando o seu problema para estar agendando a visita de um técnico” mostra uma marca típica desse modo de falar, que é:

- a) a presença marcante de estrangeirismos;
- b) o emprego de uma linguagem demasiadamente erudita;
- c) o mau uso do gerúndio;
- d) a completa falta de objetividade na mensagem;
- e) a ausência de tratamento individualizado.

**Comentário:** Apesar de haver a expressão estrangeira “ok”, ela não é marcante na frase. Para tal, basta ver a extensão da frase em relação ao vocábulo. O que chama a atenção é o emprego dos gerundismos “Vou estar anotando” e “estar agendando”, que são modismos, um registro coloquial.

Com isso também sabemos que não houve linguagem erudita.

Assim, eliminamos as alternativas (A) e (B), observando que a alternativa (C) é a correta.

A alternativa (D) está errada, porque não há “completa” falta de objetividade.

A alternativa (E) está errada, pois há tratamento individualizado nesta mensagem, pois a atendente se refere a uma pessoa e disse que anotar e agendar a visita de um técnico.

**Gabarito: C**



## 19. (CRS PMMG / CFS/CSTSP)

### PENA DE MORTE

PELLEGRINO, Hélio. A inocência do demônio. Rio de Janeiro, Rocco, 1988. (Com adaptações)

“[...] A pena de morte, não obstante os esgares e contorcionismos ideológicos que a queiram legitimar, é um crime contra a justiça – e contra o esforço civilizatório da raça humana. Humanizar-se – ou hominizar-se – é poder suprimir ou sublimar os impulsos primitivos que nos levam a combater o crime – com o crime. A pena de morte tem como fundamento não o desejo de reparação ou de justiça, mas a sede bruta de vingança. Na medida de sua adoção, ficamos filosófica e moralmente comprometidos e emparelhados pela lógica – zoológica – do velho axioma iníquo: olho por olho, dente por dente. Se o mal com o mal se paga, numa estrita e sinistra odonto-oftálmica, não há porque não condecorar, com as mais altas insígnias republicanas, os beneméritos esquadrões da morte que exornam nossa paisagem cívica, jurídica e policial. A pena de morte, incluída na letra do Código Penal, consagra – e institucionaliza – o procedimento desses bandos criminosos transformando-o em norma de justiça. Convenhamos que, em matéria de desordem, poucas medidas seriam capazes de chegar tão longe.

Na avaliação do problema da pena de morte, há que levar em conta o fato de que ela, uma vez aplicada, cria uma situação absoluta – e irreparável. A morte é a impossibilidade de qualquer possibilidade, seja lá do que for. [...]

Além dos aspectos filosóficos e religiosos que a condenam, a pena de morte é perfeitamente indefensável a partir de argumentos sociais e políticos. Cada sociedade tem os criminosos que merece, isto é, a prática do bem e do mal, ou a maneira pela qual os seres humanos se relacionam, tem tudo a ver com a vida comunitária e com o grau de justiça – ou de injustiça – que lhe define a estrutura. A fome, a opressão espoliadora, o abandono da infância, o desemprego em massa, as greves – e clamores – desníveis entre as classes não constituem, obviamente, boa fonte de inspiração para um correto exercício da cidadania. O processo civilizatório, pelo qual cada um de nós dá o salto da natureza para a cultura, de modo a tornar-se sócio da sociedade humana, exige renúncias cruciais – e sacrifícios cruciantes. Na infância, através das vicissitudes do complexo de Édipo, temos que abrir mão de nossas primeiras – e decisivas – paixões. Depois, o corpo social nos impõe a lenta e dolorosa aquisição de uma competência, que nos qualifique para o trabalho e para o pão de cada dia.

Tudo isto – contadas às favas – nos custa os olhos da cara, e da alma. É preciso, de maneira absoluta, que cada trabalhador, seja ele qual for, receba da comunidade um retorno salarial e existencial condigno, expressão do respeito coletivo pelo seu esforço. Este é um dever social irrevogável, ao qual corresponde um direito sagrado. A ruptura desta articulação constitui uma violência inaudita, capaz de tornar-se a matriz de todas as violências – e de todos os crimes. Uma sociedade como a nossa, visceralmente comprometida com a injustiça e, portanto, geradora de revolta e delinquência, cometeria uma impostura devastadora – e destruidora –, se adotasse a pena de morte. Ao invés de fabricarmos bodes expiatórios, temos todos que assumir, sem exceção de ninguém, a responsabilidade geral pela crise – e pelo crime.

Há, por fim, a favor da pena de morte o argumento psicológico da intimidação. O criminoso, diante do risco de perder a vida, pensa duas ou mais vezes na consequência fatal do delito que o tenta, acabando por desistir de praticá-lo. Afirmam-se aqui o princípio – psicanaliticamente ilusório – de que o delinquente grave tem arraigado amor à própria vida. Em verdade, acontece o oposto. A autoestima do ser humano se constrói a partir dos cuidados – do amor – recebidos de fora, dos outros. Este amor, internalizado, vai constituir o fundamento da possibilidade de que cada um terá de amar-se a si mesmo, por ter sido amado. Se sou capaz de



## Aula 13

amar a mim próprio, e à minha vida, sou também proporcionalmente capaz de amar ao próximo, meu semelhante, meu irmão – e meu espelho.

O criminoso grave, ao liquidar sua vítima, condena-se, por mediação dela, à morte, com ódio e desprezo. Não o imitemos, através da pena de morte”.

A linguagem coloquial empregada no texto pode ser exemplificada pela frase:

- A. ( ) “Tudo isto – contadas as favas – nos custa os olhos da cara, e da alma”.
- B. ( ) “Há, por fim, a favor da pena de morte o argumento psicológico da intimidação”.
- C. ( ) “Este é um dever social irrevogável, ao qual corresponde um direito sagrado”.
- D. ( ) “Convenhamos que, em matéria de desordem, poucas medidas seriam capazes de chegar tão longe”.

**Comentário:** A alternativa (A) é a correta, pois as expressões “contadas as favas” e “nos custa os olhos da cara” são expressões populares, logo são registros informais da fala e significam “algo dado como certo, inevitável” e “algo que custa muito caro”, respectivamente.

**Gabarito:** A

## 20. (FGV)



A linguagem verbal empregada na charge mostra:

- (A) desvios da norma culta;
- (B) traços de regionalismo;
- (C) marcas de linguagem coloquial;
- (D) sinais de linguagem formal;
- (E) aspectos de uma linguagem arcaica;

**Comentário:** A alternativa (A) está errada, pois o texto não possui desvios da norma culta. Note a perfeita combinação do pronome “te” referindo-se à pessoa com quem se fala e confirmada com o emprego do verbo na segunda pessoa (“estejas”).



## Aula 13

A alternativa (C) está errada, pois a questão indica, pelo plural “traços”, que haveria mais de uma expressão típica da linguagem falada, coloquial. Apesar de estarem à mesa, foi utilizada apenas a expressão “Pena que”, típica da linguagem coloquial.

A alternativa (D) está errada, pois a formalidade é como um rito e não se espera que ela seja utilizada à mesa, numa conversa entre mãe e filho. Expressões como “Pena que” e “Querido” fazem com que a linguagem seja informal.

A alternativa (E) está errada, porque a linguagem arcaica é aquela ultrapassada, obsoleta, e notadamente a linguagem utilizada pela mãe e pelo filho não apresenta traços de linguagem remota.

Assim, resta a alternativa (B) como a correta, haja vista que o emprego da segunda pessoa do singular na região Sul, como em “te”, “estejas”, é uma característica regional. Note a fonte do quadrinho “G.Passofundo”, o que nos norteia quanto à região em que essa conversa é veiculada.

**Gabarito: B****21. (FCC)**

## A lua da língua

Existe uma língua para ser usada de dia, debaixo da luz forte do sentido. Língua suada, ensopada de precisão. Que nós fabricamos especialmente para levar ao escritório, e usar na feira ou ao telefone, e jogar fora no bar, sabendo o estoque longe de se acabar. Língua clara e chã, ocupada com as obrigações do expediente, onde trabalha sob a pressão exata e dicionária, cumprimentando pessoas, conferindo o troco, desfazendo enganos, sendo atenciosamente sem mais para o momento. É a língua que Cristina usou para explicar quem quebrou o cabo da escova, ou a língua das aeromoças em seus avisos mecanicamente fundamentais.

Mas no entardecer da linguagem, por volta das quatro e meia em nossa alma, começa a surgir um veio leve de angústia. As coisas puxam uma longa sombra na memória, e a própria palavra tarde fica mais triste e morna, contrastando com o azul fresco e branco da palavra manhã. À tarde, a luz da língua migalha. E, por ser já meio escuro, o mundo perde a nitidez. Calar, a tarde não se cala, mas diz menos do que veio a dizer. É a que frequenta os cartões de namoro, as confissões, as brigas e os gritos, ou a atenção desajeitada das palavras num velório, ou nos sussurros namorados ao pé dos muros dos subúrbios.

E tem a língua que em si mesma anoitece, quando o escuro espatifa o sentido. O sol, esfacelado, vira pó. E a linguagem se perde dos trilhos de por onde ir. Tateia, titubeia, tropeça, esbarra em regras, arrasta a mobília das normas. À noite, sonha a nossa língua. No céu da boca as palavras guardam um resíduo de pensamento, e têm a densidade vazia das ideias vagas, condensando-se como nuvens de um céu sem luz. No calor tempestuoso dessas noites de Manuel Bandeira, é possível a bailarina ser feita de borracha e pássaro. Enquanto o poeta Murilo Mendes solta os pianos na planície deserta, tudo é dito distante dos ruídos do dia. Tudo é possível nessa escuridão criativa, existe o verso, existe a canção.

Mais tarde, finda a noite, quando abrimos a boca, a língua amanhece, e de novo a levamos pelos corredores e pelas repartições, pelas galerias e escritórios, valendo-nos dela para o recado simples, a ordem necessária, o atendimento útil. Enquanto não chega a tarde, enquanto não anoitece.

(Adaptado de André Laurentino, Lições de gramática para quem gosta de literatura)





## Aula 13

O autor refere-se no texto a três línguas, cuja variação se deve, sobretudo,

- a) à classe social do falante, já que esta é marcada pela maior ou menor facilidade de acesso do indivíduo aos bens culturais.
- b) à disposição de espírito e ao humor de cada um de nós, que variam de modo aleatório ao longo das diferentes etapas de nossa vida.
- c) aos mecanismos linguísticos próprios da linguagem verbal, que nada têm a ver com as intenções ou necessidades circunstanciais do usuário.
- d) à diversidade das situações de linguagem, que o autor vê marcadas na sucessão dos diferentes períodos do dia.
- e) ao maior ou menor índice de formalidade com que as pessoas as empregam, cumprindo ou descumprindo as normas gramaticais.

**Comentário:** Cada parágrafo é iniciado por um período que transmite a sua ideia central. Assim, o primeiro parágrafo inicia-se com o período *“Existe uma língua para ser usada de dia, debaixo da luz forte do sentido.”*, referindo-se ao uso da língua durante o dia. O segundo parágrafo inicia-se com o período *“Mas no entardecer da linguagem, por volta das quatro e meia em nossa alma, começa a surgir um veio leve de angústia.”*, referindo-se a um tempo posterior: a tarde. O terceiro parágrafo inicia-se com o período *“E tem a língua que em si mesma anoitece, quando o escuro espatifa o sentido.”*

Assim, fica claro que a alternativa (D) é a correta, pois realmente o autor menciona três línguas, cuja variação se deve à diversidade das situações de linguagem, que o autor vê marcadas na sucessão dos diferentes períodos do dia.

**Gabarito: D**

## 22. (CEPERJ)

Empregou-se expressão própria da língua falada no trecho:

- A) “Até o fim de setembro tem muito dia em vermelho no calendário econômico mundial.”  
(O Globo, Panorama Econômico, Miriam Leitão, setembro de 2011)
- B) “A avaliação feita no Brasil é que talvez o Fed procure outro caminho, como o de comprar mais títulos de longo prazo para forçar...”  
(O Globo, Panorama Econômico, Miriam Leitão, setembro de 2011)
- C) “Na Europa, ontem, os dois maiores líderes, Ângela Merkel e Nicolas Sarkozy, elevaram o tom das declarações...”  
(O Globo, Panorama Econômico, Miriam Leitão, setembro de 2011)
- D) “O governo tem instrumentos na mão para usar em caso de algum pânico que ocorra no mercado por algum agravamento repentino.”  
(O Globo, Panorama Econômico, Miriam Leitão, setembro de 2011)
- E) “Até o fim do mês a agenda do mundo está lotada vivendo de notícia em notícia.”



(O Globo, Panorama Econômico, Miriam Leitão, setembro de 2011)

**Comentário:** A alternativa (A) é a que possui exemplo de expressão típica da língua falada (“*tem muito dia*”). O verbo “*tem*”, de acordo com o rigor formal e da norma culta, é transitivo direto e tem, dentre vários outros, o sentido de possuir, constituir-se. Por exemplo:

*José tem três filhos.* (possui)

*A Amazônia tem vários quilômetros de extensão.* (é constituído de)

Assim, este verbo possui sujeito e objeto direto.

Na linguagem descuidada, livre, é também aceita a forma impessoal deste verbo, assemelhando ao emprego do verbo “*haver*”. A norma culta formal admite o verbo “*haver*” como impessoal, e não o verbo “*tem*”.

Assim, de acordo com a norma culta escrita, deve-se substituir o verbo “*tem*” por “*há*”. Além disso, a expressão “*muito dia*” dá noção de plural, por isso deve ser substituída por “*muitos dias*”:

*“Até o fim de setembro **há muitos dias** em vermelho no calendário econômico mundial.”*

Note que as demais frases estão de acordo com a norma culta escrita.

**Gabarito: A**

### 23.(Consulplan)

“Simples ações individuais, como dirigir um carro, somadas a outros pequenos atos pessoais, acabam se tornando uma grande ‘bola de neve’, incontrolável e extremamente poluída.” No excerto anterior, há um exemplo de

- A) registro coloquial quanto ao nível de formalismo.
- B) linguagem padrão e pejorativa.
- C) inadequação na flexão do tempo verbal composto.
- D) termos ambíguos que causam dificuldade de entendimento.
- E) variação linguística de cunho regional.

**Comentário:** Veja que a expressão “*bola de neve*” é típica da fala, da linguagem coloquial. Assim, percebemos que não houve formalidade nesta frase e por isso a alternativa (A) é a correta.

A alternativa (B) está errada, pois não se conservou a linguagem culta, padrão, tendo em vista a expressão “*uma grande ‘bola de neve’*”. Veja, também, que linguagem pejorativa é aquela que usa um tom depreciativo, ofensivo. Isso não ocorreu nesta frase.

A alternativa (C) está errada, pois a locução verbal “*acabam se tornando*” está corretamente empregada.



Aula 13

A alternativa (D) está errada, pois não houve ambiguidade. O texto é claro.

A alternativa (E) está errada, pois não há expressão de cunho regional.

**Gabarito: A**

---

**24.(Consulplan)**

**Fragmento do texto:** – Chame a polícia. Quero pagar, vocês não querem receber. Chame.

Foi um bafafá. Um jovem veio correndo da cozinha. Pensei que ia me soterrar com um prato de sopa de tubarão, tal a fúria. Repeti o pedido, gentil: queria a polícia. Aceitaram o cheque, com suspiros de nervosismo.

A expressão “Foi um bafafá”:

- A) É um exemplo da linguagem culta.
- B) É pejorativa.
- C) Tem sentido ambíguo.
- D) É coloquial.
- E) Denota um erro gramatical.

**Comentário:** A expressão “*Foi um bafafá*” é típica da linguagem falada, coloquial. Por isso, a alternativa correta é a (D).

Alguns candidatos marcaram à época a alternativa (E), pois entenderam como um erro gramatical. Não se pode dizer que há erro gramatical, pois dentro dessa expressão há um verbo no singular, porque concorda com termo singular. Assim, há preservação da correção gramatical.

Apenas a expressão não é adequada ao padrão culto; mas não se quis, neste texto, expressar formalidade. Assim, a intenção comunicativa é o mais importante.

**Gabarito: D**

---

**25. (CESPE)**

O texto, em que foi empregada uma linguagem simples, de fácil compreensão, apresenta um termo típico da linguagem coloquial no trecho

- (A) ‘Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou’.
- (B) “Segundo o ministro, a demanda interna permanece ‘muito aquecida’”.
- (C) ‘Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis’.
- (D) “a decisão do COPOM (...) pode impactar um pouco a criação de empregos formais”.
- (E) “a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil”.

**Comentário:** Linguagem coloquial é o enunciado aberto, livre dos rótulos gramaticais. Muitas vezes fere a norma culta, outras vezes simplesmente não encontra registro gramatical. Assim, o vocábulo “*bombou*” faz



parte da linguagem coloquial, linguagem falada dos jovens. Por isso, a alternativa (A) é a correta. Nas demais alternativas, por exclusão, é fácil perceber que há registro culto.

**Gabarito: A**

---

## 26. (Consulplan)

**Fragmento do texto:** Tendo herdado a casa do avô na cidade distante, para lá mudou-se com toda a família, contente de retomar o contato com suas origens. Em poucos dias, já trocava dedos de prosa com o farmacêutico, o tabelião, o juiz. E por eles ficou sabendo, entre uma conversa e outra, que as casas daquela região eram construídas com areia de aluvião, onde não raro se encontravam pequenos diamantes.

A expressão “... trocava dedos de prosa...”:

- A) Pertence ao linguajar culto.                      D) É um erro que deveria ter sido evitado.  
B) Tem valor pejorativo.                              E) Tem sentido ambíguo.  
C) É coloquial.

**Comentário:** A expressão “*trocava dedos de prosa*” é típica da linguagem coloquial, falada, e não tem o formalismo da norma culta.

**Gabarito: C**

---



## 2 – Funções da Linguagem – A intenção discursiva

Para melhor compreensão das funções de linguagem, torna-se necessário o estudo dos elementos da comunicação.

### 1. Elementos da comunicação

Mas o que são os elementos da comunicação?

Para que tenhamos entendimento sobre a emissão de uma mensagem, precisamos de elementos que o componham.

Veja:



O **emissor** é aquele que emite, que codifica a mensagem.

O **receptor** é aquele que recebe, que decodifica a mensagem.

A **mensagem** é a forma como a mensagem é transmitida pelo emissor. Não é o conteúdo, mas como o emissor transmitiu a informação.

O **código** é o conjunto de signos usados na transmissão e recepção da mensagem.

O **referente** é o contexto, o conteúdo, a informação veiculada na mensagem.

O **canal** é o meio pelo qual circula a mensagem.



Obs.: as atitudes e reações dos comunicantes são também referentes e exercem influência sobre a comunicação.

Com base na centralização e da predominância dos elementos de comunicação acima, temos a intenção discursiva, a intenção comunicativa do autor. Assim, passar a ter as funções de linguagem.

## 2. Funções da linguagem

A **Função emotiva (ou expressiva)** centraliza-se no emissor, revelando sua opinião, sua emoção, a sua impressão sobre algo. Nela prevalece a 1ª pessoa do singular, interjeições e exclamações. É a linguagem das biografias, memórias, poesias líricas e cartas de amor. Dizemos que esta é uma linguagem altamente subjetiva, pois parte da visão parcial da primeira pessoa do singular.

Veja um exemplo dessa função:

"**(Eu)** Sentia um medo horrível e ao mesmo tempo desejava que um grito me anunciasse qualquer acontecimento extraordinário. Aquele silêncio, aqueles rumores comuns, espantavam-me. Seria tudo ilusão? Findei a tarefa, ergui-me, desci os degraus e fui espalhar no quintal os fios da gravata. Seria tudo ilusão?... Estava doente, ia piorar, e isto me alegrava. Deitar-me, dormir, o pensamento embaralhar-se longe daquelas porcarias. Senti uma sede horrível... Quis ver-me no espelho. Tive preguiça, fiquei pregado à janela, olhando as pernas dos transeuntes."

(Graciliano Ramos)

Observe o predomínio da primeira pessoa do singular nos termos grifados acima. Note que o texto parte da impressão, da emoção de alguém. Por dizemos que essa é uma função emotiva ou expressiva ou até subjetiva.

**Função referencial (ou denotativa)** centraliza-se no referente, quando o emissor procura oferecer informações da realidade. É uma linguagem objetiva, direta, denotativa, prevalecendo a 3ª pessoa do singular. Linguagem usada nas notícias de jornal e livros científicos.

Veja um exemplo dessa função:

"O risco maior que as instituições republicanas hoje correm não é o de se romperem, ou serem rompidas, mas o de não funcionarem e de desmoralizarem de vez, paralisadas pela sem-vergonhice, pelo hábito covarde de acomodação e da complacência. Diante do povo, diante do mundo e diante de nós mesmos, o que é preciso agora é fazer funcionar corajosamente as instituições para lhes devolver a credibilidade desgastada. O que é preciso (e já não há como voltar atrás sem avacalhar e emporcalhar ainda mais o conceito que o Brasil faz de si mesmo) é apurar tudo o que houver a ser apurado, doa a quem doer."

(O Estado de São Paulo)



Este é um texto informativo, centrado no argumento, no racional, sem vacilações em emoções ou em linguagem figurada.

**Função apelativa (ou conativa)** centraliza-se no receptor; o emissor procura influenciar o comportamento do receptor. Como o emissor se dirige ao receptor, é comum o uso de *tu* e *você*, ou o nome da pessoa, além dos vocativos e imperativo. Usada nos discursos, sermões e propagandas que se dirigem diretamente ao consumidor.

Veja um exemplo dessa função:



Disponível em: <http://www.clickmarket.com.br>

Aqui fica clara a intenção de modificar o comportamento do interlocutor, do receptor da mensagem.

**Função fática** centraliza-se no canal, tendo como objetivo prolongar ou não o contato com o receptor, ou testar a eficiência do canal. Linguagem das falas telefônicas, saudações e similares.



O canal é a linha com as latinhas, simulando uma ligação telefônica. O emissor apenas testou o canal. Como percebeu que quem atendeu não era a pessoa com quem queria falar, finalizou a comunicação.



**Função poética** centraliza-se na mensagem (na forma como é veiculada), revelando recursos imaginativos criados pelo emissor. Afetiva, sugestiva, conotativa, ela é metafórica. Valorizam-se as palavras, suas combinações. É a linguagem figurada apresentada em obras literárias, letras de música, em algumas propagandas etc.

O verbo infinitivo

Ser criado, gerar-se, transformar

O amor em carne e a carne em amor; nascer

Respirar, e chorar, e adormecer

E se nutrir para poder chorar

Para poder nutrir-se; e despertar

Um dia à luz e ver, ao mundo e ouvir

E começar a amar e então ouvir

E então sorrir para poder chorar.

E crescer, e saber, e ser, e haver

E perder, e sofrer, e ter horror

De ser e amar, e se sentir maldito

E esquecer tudo ao vir um novo amor

E viver esse amor até morrer

E ir conjugar o verbo no infinito... (Vinícius de Moraes)

Note o cuidado com a forma! Um poema é um exemplo clássico da função poética, pois a escolha das estrofes, dos versos, da rima, da métrica em cada verso, tudo isso mostra claramente o envolvimento com escolha das palavras. Além disso, há demonstração de emoção, de imagens sugestivas, etc.





**Função metalinguística** centraliza-se no código, usando a linguagem para falar dela mesma. A poesia que fala da poesia, da sua função e do poeta, um texto que comenta outro texto. Principalmente os dicionários são repositórios de metalinguagem.



Normalmente uma placa tem a intenção comunicativa de informar. Assim, tem função predominantemente referencial. Porém, nesta placa a informação encontra-se num trecho bem pequeno: “E tenha cuidado com a ponte à frente”.

A primeira informação é basicamente para explicar um problema da placa, o que gera a ideia de que o código (a placa) fala dele mesmo (as bordas da placa). Assim, há metalinguagem. Isso ocorre também quando um autor explica seu próprio processo criativo, ou quando o autor mostra ao leitor como conseguir extrair do livro o melhor de sua técnica.

Bom! Agora que vimos os elementos de comunicação e as funções de linguagem, devemos entender que, em um mesmo texto, podem aparecer várias funções da linguagem. O importante é saber qual a função predominante no texto, para então o definir.

Vamos praticar?





**27.(Aeronáutica / EPCAR - Cadete da Aeronáutica – 2016)**

**TEXTO I**

**RETRATO**

Eu não tinha este rosto de hoje,  
Assim calmo, assim triste, assim magro,  
Nem estes olhos tão vazios,  
Nem o lábio amargo  
Eu não tinha estas mãos sem força,  
Tão paradas e frias e mortas;  
Eu não tinha este coração  
Que nem se mostra.  
Eu não dei por esta mudança,  
Tão simples, tão certa, tão fácil:  
– em que espelho ficou perdida  
a minha face?

(MEIRELES, Cecília. Obra Poética de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.)

**TEXTO II**

**ENVELHECER**

Arnaldo Antunes/ Ortinho/ Marcelo Jeneci

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer  
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer  
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer  
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer  
Não quero morrer pois quero ver como será que deve ser envelhecer  
Eu quero é viver para ver qual é e dizer venha pra o que vai acontecer  
(...)

Pois ser eternamente adolescente nada é mais démodé com os ralos fios de cabelo [sobre a testa que não para de crescer



## Aula 13

Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender

Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr.

(...)

( [www.arnaldoantunes.com.br/new/sec\\_discografia\\_sel.php?id=679](http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=679))

### TEXTO III

#### ESTATUTO DO IDOSO (fragmentos)

Art. 2 – O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 4 – Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou por omissão, será punido na forma da lei.

([www.planalto.gov.br/ccvil\\_03/leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/leis/2003/L10.741.htm))

### TEXTO VI

#### LEITE DERRAMADO

“Um homem muito velho está num leito de hospital. E desfia a quem quiser ouvir suas memórias. Uma saga familiar caracterizada pela decadência social e econômica, tendo como pano de fundo a história do Brasil dos últimos dois séculos.”

Não sei por que você não me alivia a dor. Todo dia a senhora levanta a persiana com bruteza e joga sol no meu rosto. Não sei que graça pode achar dos meus esgares, é uma pontada cada vez que respiro. Às vezes aspiro fundo e encho os pulmões de um ar insuportável, para ter alguns segundos de conforto, expelindo a dor. Mas bem antes da doença e da velhice, talvez minha vida já fosse um pouco assim, uma dorzinha chata a me espetar o tempo todo, e de repente uma lambada atroz. Quando perdi minha mulher, foi atroz. E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida. Mas nem assim você me dá os remédios, você é meio desumana. Acho que nem é da enfermagem, nunca vi essa cara sua por aqui. Claro, você é a minha filha que estava na contraluz, me dê um beijo. Eu ia mesmo lhe telefonar para me fazer companhia, me ler jornais, romances russos. Fica essa televisão ligada o dia inteiro, as pessoas aqui não são sociáveis. Não estou me queixando de nada, seria uma ingratidão com você e com o seu filho. Mas se o garotão está tão rico, não sei por que diabos não me interna em uma casa de saúde tradicional, de religiosas. Eu próprio poderia arcar com viagem e tratamento no estrangeiro, se o seu marido não me tivesse arruinado.

(BUARQUE, Chico. Leite derramado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 10 – 11.)

Nos textos em geral, manifestam-se simultaneamente várias funções da linguagem. No entanto, sempre há o domínio de uma sobre as outras. Após a leitura dos textos que constituem esta prova, assinale a alternativa correta.



Aula 13

- A) No texto III, a função da linguagem predominante é a metalinguística, porque há uma explicação do código, o qual é o foco do discurso.
- B) O texto II tem o canal como elemento de destaque, logo o predomínio é da função fática da linguagem.
- C) O referente é o elemento que se sobressai sobre os demais no texto VI, caracterizando o predomínio da função informativa sobre a poética.
- D) A função poética se destaca no texto I, tendo em vista a preocupação do enunciador em enfatizar a mensagem.

**Comentário:** A alternativa (A) está errada, pois o texto III não transmite conceitos, ele transmite informação e disciplina direitos dos idosos. Assim, predomina a informação, a função referencial.

A alternativa (B) está errada, pois ela está centrada na forma da mensagem, na disposição das palavras em versos, estrofes, com cuidado na rima. Assim, predomina a função poética, e não a fática.

A alternativa (C) está errada, pois o texto centra-se na impressão do narrador-personagem, com a utilização da primeira pessoa “eu”, típica da função emotiva. Além disso, a presença de rima, métrica e o cuidado com a sonoridade das palavras demonstram a presença marcante também da função poética. Dessa forma, o destaque não está em passar a informação, típico da função referencial, mas nas funções emotiva e poética.

A alternativa (D) é a correta, pois, apesar de haver no texto I uma impressão subjetiva, com o emprego da primeira pessoa do discurso “eu”, como se vê em “Eu não tinha este rosto de hoje”, “Eu não tinha estas mãos sem força”, “Eu não tinha este coração” e “Eu não dei por esta mudança”, o cuidado com a forma, isto é, com a rima, a sonoridade das palavras, a disposição dos versos em estrofes, sinaliza que, além da função emotiva, expressiva, cabe também a poética e esta se destaca em relação à emotiva.

**Gabarito: D**

**28. (Aeronáutica / CIAAR - Primeiro Tenente – Endodontia – 2018)**

Funções da linguagem configuram as formas como cada indivíduo organiza sua fala, dependendo da mensagem que deseja transmitir.

A esse respeito, leia o texto seguinte



Aula 13

(Disponível em: < <http://noticiaurbana.com.br/old/coluna-pet-protetor-nao-compra-ele-estimula-a-adocao/>> Acesso em 08 fev. 2018).

I. Segundo o texto publicitário, conclui-se que, nele, pode ser identificada a função conativa ou apelativa da linguagem.

PORQUE

II. Apresenta uma reflexão acerca do conteúdo e do valor das palavras, isto é, sobre o uso da língua e sua função social.

Em relação a essas duas assertivas, é correto afirmar que

A) a primeira é uma afirmativa falsa; e a segunda, verdadeira.

B) a primeira é uma afirmativa verdadeira; e a segunda, falsa.

C) as duas são verdadeiras, mas não estabelecem relação entre si.

D) as duas são verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.

**Comentário:** Os imperativos “não compre”, “adote”, “não abandone”, “resgate”, “não maltrate”, “denuncie” marcam a conversa direta com o leitor, tentando-o convencer sobre algo e mudar seu comportamento. Assim, predomina a função conativa ou também chamada de apelativa. Assim, a afirmativa I é verdadeira.

Porém, a afirmativa II é falsa, pois a intenção do imperativo, neste contexto, é convencer alguém a realizar algo, e não apresentar reflexão sobre algo. Portanto, a afirmativa resume a função referencial, e não a apelativa.

Com isso, a alternativa (B) é a correta.

**Gabarito: B**

---

**29. (Aeronáutica / CIAAR - Primeiro Tenente - Cardiologia – 2017)**

Texto:

Samba do avião

Antônio Carlos Jobim

Minha alma canta

Vejo o Rio de Janeiro

Estou morrendo de saudade

Rio teu mar, praias sem fim

Rio você foi feito pra mim

Cristo Redentor

Braços abertos sobre a Guanabara

Este samba é só porque



Aula 13

Rio eu gosto de você  
A morena vai sambar  
Seu corpo todo balançar  
Rio de sol, de céu, de mar  
Dentro de mais uns minutos  
Estaremos no Galeão

(<https://www.google.com.br/search?q=aficionado&oq> Acesso em 14 jul. 2017)

Avalie as afirmações sobre as funções da linguagem que os versos: “Este samba é só porque / Rio eu gosto de você” exemplificam.

- I – Metalinguística, porque o eu lírico fala do samba no próprio samba; nesse caso, a linguagem se volta sobre si mesma, transformando-se em seu próprio referente.
- II – Expressiva, uma vez que o poeta imprime na letra da música as marcas de sua atitude pessoal, suas emoções, fazendo com que o leitor sinta no texto a presença do emissor.
- III – Conativa, dado que o emissor se impõe sobre o receptor, persuadindo-o, envolvendo-o com o conteúdo transmitido, que é homenagear o Rio de Janeiro com um samba.
- IV – Referencial, pois, nos versos, o sujeito lírico transmite informações objetivas sobre aspectos da Cidade Maravilhosa e do samba, que mais deseja realçar para o leitor.

Está correto apenas o que se afirma em

- A) I e II.
- B) I e III.
- C) II e IV.
- D) III e IV.

**Comentário:** A afirmação I está correta e a sua justificativa realmente está de acordo com o contexto, haja vista que o eu lírico fala do samba no próprio samba.

A afirmação II está correta, pois se nota a emoção expressa pelo eu lírico. Assim, há função expressiva ou emotiva.

A afirmação III está errada, pois o texto não tenta convencer ou persuadir. Ele expressa emoção. Assim, não cabe função conativa.

A afirmação IV está errada, pois, nos versos, o eu lírico transmite informações subjetivas, e não objetivas. Note que ele transmite emoção, expressividade, e não apenas dados informativos sobre a Cidade Maravilhosa e do samba.

Com isso, como as afirmações I e II estão corretas, a alternativa (A) é a correta.



**30. (Aeronáutica / CIAAR - Primeiro Tenente - Cardiologia – 2017)**

Poesia, atualizações

João dava like em Teresa que dava super-like em Raimundo  
que jogava charme em Maria que dava match com Joaquim que hackeava os nudes da Lili  
que não dava like em ninguém.

João foi para uma praia sem internet, Teresa entrou num detox digital,

Raimundo ficou sem bateria, Maria saiu do Tinder,

Joaquim foi preso pela Delegacia de Repressão aos Crimes Cibernéticos e Lili casou com J. Pinto Fernandes  
que não tinha entrado no Stories.

Antônio Prata.

(PRATA, A. Poesia, atualizações. Folha de São Paulo, 07/05/2017. Disponível em  
<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2017/05/1881773-poesia-atualizacoes.shtm>  
Acessado em 11 jul. 2017).

Assinale a função da linguagem, presente no poema de Antônio Prata, que parodia os versos de “Quadrilha”,  
cujo autor é o poeta itabirano Carlos Drummond de Andrade.

- A) Fática.
- B) Poética.
- C) Apelativa.
- D) Denotativa.

**Comentário:** A alternativa (A) está errada, porque a função fática é o simples teste do canal de comunicação,  
o que não cabe neste texto.

A alternativa (B) é a correta, pois, como o texto é uma paródia dos versos de “Quadrilha”, de Carlos  
Drummond de Andrade, o cuidado com a permanência dos recursos expressivos, da métrica, da rima, das  
repetições é crucial. Assim, a forma é fundamental para a manutenção da ideia textual, por conseguinte, a  
função predominante é a poética.

A alternativa (C) está errada, pois a apelativa é a que é direcionada diretamente ao leitor, por meio  
de imperativos, procurando convencê-lo a mudar de comportamento. Naturalmente percebemos que isso  
não ocorreu no texto.

A alternativa (D) está errada, pois a função denotativa é o mesmo que a função referencial, isto é,  
predomina no texto a informação objetiva. Neste texto, percebemos que não houve predomínio dessa  
função.



**Gabarito: B**

---

**31. (Aeronáutica / CIAAR - Primeiro Tenente - Língua Portuguesa – 2009)**

Informe se é falso (F) ou verdadeiro (V) o que se afirma sobre as funções da linguagem. Em seguida, assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

- ( ) Verbetes de dicionários constituem exemplos de função metalinguística.
- ( ) Propagandas e ditados populares constituem exemplos de função fática.
- ( ) O teste do contato com o emissor é um exemplo de função conativa.
- ( ) A presença da emoção do remetente constitui exemplo de função poética.

- A) V – F – F – F.
- B) F – V – V – V.
- C) V – F – V – F.
- D) F – V – F – V.

**Comentário:** A primeira afirmação é verdadeira, pois realmente dicionários têm como princípio de que a palavra transmite o conceito, o sinônimo de outra. Assim, a linguagem se volta sobre si mesma, transformando-se em seu próprio referente. Dessa forma, já eliminamos as alternativas (B) e (D).

A segunda afirmação é falsa, pois a função fática é a que testa o canal, como as primeiras palavras numa ligação telefônica ou a saudação antes de uma conversa. Os ditos populares normalmente trazem predominantemente a função referencial, e as propagandas, a função apelativa.

A terceira afirmação é falsa, pois o teste do contato com o emissor, como as primeiras palavras numa ligação telefônica ou a saudação antes de uma conversa, é um exemplo de função fática, e não conativa. Esta é a mesma que apelativa, voltada ao receptor da mensagem.

Assim, já sabemos que a alternativa (A) é a correta.

A quarta afirmação é falsa, pois a presença da emoção do remetente constitui exemplo de função emotiva, expressiva, e nem sempre será uma função poética.

**Gabarito: A**

---

**32. (Aeronáutica / CIAAR - Primeiro Tenente - Língua Portuguesa – 2009)**

A cantora Claudia Leitte foi criada nas tradições do Carnaval baiano. Ela canta de tudo. De hit carnavalesco a canções de Roberto Carlos e Guns N'Roses.

Revista Veja. Edição 2127, ano 42, n. 34, de 26 de agosto de 2009. p. 8.

A função predominante do texto acima é a

- A) fática.





Aula 13

- B) referencial.
- C) metalinguística.
- D) conativa.

**Comentário:** O texto basicamente transmite informação, por isso a função predominante é a referencial e a alternativa (B) é a correta.

**Gabarito: B**

---

**33. (Aeronáutica / CIAAR - Primeiro Tenente - Língua Portuguesa – 2009)**

A função poética consiste na projeção do eixo da seleção sobre o eixo da combinação dos elementos linguísticos. Isso significa que essa função se caracteriza pelo enfoque

- A) no código utilizado.
- B) no contexto do destinatário.
- C) na mensagem e sua forma.
- D) nas informações do emissor.

**Comentário:** Como vimos na teoria, a função poética se baseia no elemento da comunicação “mensagem”, isto é, o cuidado com a forma, com o estilo, com a beleza, sonoridade das palavras.

Assim, a alternativa (C) é a correta.

**Gabarito: C**

---

## 3 – Vícios de Linguagem

Os vícios de linguagem são construções que divergem da norma culta, como o solecismo, o barbarismo, a redundância, dentre outros.

O **Solecismo** é o “erro” de sintaxe, que pode ser um erro na concordância, de regência ou de colocação pronominal.

**Solecismos de regência:**

Ontem assistimos o filme. (O ideal seria: Ontem assistimos **ao** filme.)

Cheguei no Brasil em 1923. (O ideal seria: Cheguei **ao** Brasil em 1923.)

Pedro visava o posto de chefe. (O ideal seria: Pedro visava **ao** posto de chefe.)

Eu lhe chamei. (O ideal seria: “Eu **o** chamei”.)



## Aula 13

Vendas à prazo. (O ideal seria: “Vendas **a** prazo”.)

### **Solecismo de concordância:**

Haviam muitas pessoas na festa. (O ideal seria: **Havia** muitas pessoas na festa.)

Fazem muitos anos. (O ideal seria: **Faz** muitos anos.)

A gente vamos. (O ideal seria: A gente **vai**.)

Tu fostes. (O ideal seria: “Tu **foste**”)

O pessoal já saíram? (O ideal seria: O pessoal já **saiu**?).

Aluga-se casas. (O ideal seria: “alugam-se”)

Queremos fazermos tudo certo. (O ideal seria: Queremos **fazer** tudo certo.)

**Observação:** Você se lembra da figura de linguagem silepse? Ela se baseia concordância. Assim, nela predomina a análise intelectual e estilística do autor. Dessa forma, há a intenção da concordância ideológica; não se podendo considerar solecismo, pois não há erro de concordância.

### **Solecismo de colocação pronominal:**

Foi João quem avisou-me. (O ideal seria: Foi João quem **me** avisou.)

Me empresta o lápis. (O ideal seria: Empresta-**me** o lápis.)

**Barbarismo:** É o erro relacionado à forma da palavra. São barbarismos a ortoepia (erro de pronúncia, assunto que será visto adiante), de prosódia (erro da sílaba tônica, assunto que será visto adiante), de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras. Veja alguns barbarismos:

Gráficos: erros como *hontem*, *proesa*, *conssessiva*, *aza*. O correto é: **ontem**, **proeza**, **concessiva** e **asa**.

**Ortoépicos:** Algumas pessoas dizem “resistrar”, ao invés de “**registrar**”, que é o correto.



## Aula 13

Pode-se afirmar que todo Cirurgião-Dentista ouviu ao menos uma vez em seu consultório o paciente anunciar sem muita lástima:

“Gostaria de ‘distrair’ um dente”. Porém, o correto é “**extrair**”.

Há quem diga que está “sastifeito”. Porém, o correto é “**satisfeito**”.

Assim, devemos tomar cuidado com erros na pronúncia, como *enteresse*, *carramanchão*, *desinteria*. O correto é: **interesse**, **caramanchão**, **disenteria**.

**Prosódicos:** Muitas pessoas dizem “rúbrica”, quando o correto é “**rubrica**”, assim como o correto é “**podica**” e alguns pronunciam “púdica”.

Ainda existem pessoas que dizem “constricto” e o correto é “**conrito**”.

Assim, cuidado com erros na sílaba tônica. como *filântropo*, *ínterim*, *gratuito*, *récorde*. O correto é: **filantropo**, **ínterim**, **gratuito**, **recorde**.

**Semânticos:** troca do sentido de palavras, como

*Ele realmente é intemerato, pois não temeu o Coronelismo da região.*

Houve erro de semântica, porque “intemerato” significa incorruptível, íntegro, sentido que não cabe a esse contexto. O ideal seria “intimorato”, por significar aquele que age sem temor, destemido.

*O tráfico na região está intenso, pois os carros ficam parados mais de duas horas.*

Houve erro de semântica, porque “tráfico” significa circulação ilícita, sentido que não cabe a esse contexto. O ideal seria “tráfego”, por significar circulação de pessoas, veículos ou informações.

**Morfológicos** (erro na flexão): Há erro de flexão em palavras, como *cidadões*, *uma telefonema*, *proporam*, *reavi*, *deteu*. O correto é: **cidadãos**, **um** telefonema, **propuseram**, **reouve**, **deteve**.

**Mórficos:** Há erro de flexão em palavras, como *antidiluviano*, *filmeteca*, *monolinar*. O correto é: **antediluviano**, **filmoteca**, **unlinear**.

### Pleonismo Vicioso ou Redundância

Diferentemente do emprego intencional do pleonismo, entendido como uma figura de linguagem, tem-se pleonismo vicioso quando há repetição desnecessária de uma informação na frase.

Exemplos:

*Entre para dentro de casa quando começou a anoitecer.*



## Aula 13

Hoje fizeram-me uma surpresa inesperada.

Encontraremos outra alternativa para esse problema. (“alter” já significa “outro”)

Encarei de frente o problema.

**Observação:** o pleonasma é considerado vício de linguagem quando usado desnecessariamente, no entanto, quando usado para reforçar a mensagem, constitui uma figura de linguagem.

### Estrangeirismo

O estrangeirismo é o uso de palavras, expressões e construções que pertencem a outra língua. Existem várias palavras e expressões emprestadas de outros idiomas que possuem uma correspondente em português que traduz de maneira perfeita o que é dito no idioma estrangeiro.

Só há problema no uso de um termo estrangeiro, quando já há um termo em língua portuguesa de largo uso e o falante privilegia o termo estrangeiro em detrimento do nacional. Mas há casos em que o próprio fenômeno que a expressão estrangeira traduz não existe em nosso país, daí importamos o fenômeno e a nomeação dada a ele:

Stand by, hardware, entourage, apartheid, smoking, zoom, slide, holding, shopping center, marketing, joint venture, outdoor e funk, todos conhecem essas palavras, elas representam objetos, eventos que não foram criados ou aconteceram no Brasil, nem em Portugal, logo os nomes não possuem tradução para o nosso idioma.

Em português temos a palavra *cardápio*, mas ainda há quem use *menu*, temos *cavalheiro*, mas alguns dizem *gentleman*, temos *primeiro-ministro*, mas há quem diga *premier*, temos *desempenho*, mas alguns preferem *performance*.

### Gerundismo

O chamado gerundismo está aí, em toda parte. Ao telefone ouvimos uma voz:

“O senhor pode estar aguardando? Em um instante eu vou estar retornando.”

Ou ainda no banco:

“O banco vai estar analisando sua proposta.”

E, na empresa sempre há alguém que vai “estar passando o recado”.



## Aula 13

Veja bem! O emprego do gerúndio nem sempre é errado. O problema efetivamente ocorre quando usamos a locução verbal com verbo auxiliar, seguido de infinitivo e gerúndio, na ideia de tempo futuro (vou + estar + pensando). Tal vício é chamado de *endorreia*.

O ideal é a troca por um tempo simples ou por uma das locuções de ideia de futuro, como: ***pensarei, vou pensar***.



### 34.(Exército / ESAEx Oficial)

Na frase “Ninguém saiba que Pedro namorava com Palmira.”, temos um:

- a) solecismo de regência.                      b) solecismo de concordância.
- c) solecismo de colocação.                      d) barbarismo.

**Comentário:** Houve erro na regência do verbo “namorar”, que é transitivo direto, isto é, não cabe a preposição “com”. Assim, houve solecismo de regência.

**Gabarito:** A

### 35.(Exército / ESAEx Oficial)

- I – “Vai muito longe o menino que você deu o brinquedo.”
- II – “Não vou adivinhar qual delas é sua rúbrica.”
- III – “Fui eu que te emprestou o livro.”

Temos, respectivamente:

- a) solecismo de colocação – solecismo de regência – solecismo de regência
- b) solecismo de regência - solecismo de concordância - solecismo de colocação
- c) solecismo de regência – barbarismo - solecismo de regência
- d) solecismo de regência – barbarismo - solecismo de concordância

**Comentário:** Na frase I, houve erro na grafia. O correto é “**brinquedo**”. Mas também houve erro de regência, haja vista que a oração adjetiva possui o verbo transitivo direto e indireto “deu”. Assim, entende-se que você deu o brinquedo a alguém. Dessa forma, o pronome relativo “que” deve ser precedido da preposição “a”: ***a quem*** você deu o brinquedo.



Na frase II, houve erro na grafia e na pronúncia. O correto é **adivinhar**

**Rubrica.**

Na frase III, houve erro na concordância, pois o verbo “emprestou” deve concordar com o sujeito “que”, o qual retoma o pronome pessoal do caso reto “eu”: Fui eu que te **emprestei** o livro.

Assim, a alternativa correta é a (D).

**Gabarito: D**

---

**36.(Exército / ESAEx Oficial)**

Assinale a proposição em que não ocorreu(ram) erros de solecismo:

- a) As meninas mesmo ficaram sós no meio da rua, mas mesmo assim festejaram bastante felizes.
- b) É esse o quê do problema? Vi os fugitivos inutilizar o carro de que serviram-se para a fuga e apressei-me em avisar a polícia.
- c) Foi um belo jogo, por isso assisti-o com muito prazer.
- d) Eu quero falar consigo, explicá-lo que ninguém lhe agrediu.
- e) Prefiro lutar por meus ideais, em quaisquer circunstâncias, a permanecer omissa.

**Comentário:** A alternativa (A) está errada, pois o pronome “mesmo” deve se flexionar de acordo com “meninas”. Assim, houve solecismo de concordância. Veja a correção:

*As meninas **mesmas** ficaram sós no meio da rua, mas mesmo assim festejaram bastante felizes.*

A alternativa (B) está errada, pois o verbo “inutilizar” deve concordar com o seu referente plural “fugitivos”. Além disso, o vocábulo “que” é atrativo e força a próclise, isto é, a colocação do pronome átono antes do verbo. Assim, houve solecismos de concordância e de colocação. Veja a correção:

*É esse o quê do problema? Vi os fugitivos **inutilizarem** o carro de que se serviram para a fuga e apressei-me em avisar a polícia.*

A alternativa (C) está errada, pois o verbo “assistir”, no sentido de ver, é transitivo indireto e rege a preposição “a”. Assim, houve solecismo de regência. Veja a correção:

*Foi um belo jogo, por isso assisti **a ele** com muito prazer.*

A alternativa (D) está errada, primeiro porque não cabe o pronome oblíquo tônico “consigo”, pois este só pode ser usado em Língua Portuguesa em valor reflexivo, isto é, quando se subentende “consigo mesmo”. Além disso, o verbo “explicar” é transitivo direto e indireto e não admite dois objetos diretos, mas um objeto direto e outro indireto. Assim, houve solecismo de regência. Veja a correção:



Eu quero falar consigo, **explicar-lhe** que ninguém lhe agrediu.

A alternativa (E) é a correta. Note que o verbo “preferir” é transitivo direto e indireto e rege a preposição “a”. Confirme:

Prefiro lutar por meus ideais, em quaisquer circunstâncias, a permanecer omissa.

**Gabarito: E**

---

## 4 – Lista de Questões

### 1. (Marinha / EFOMM - Oficial 2014)

A despeito do estilo da escritora, que prima pela norma culta literária, observa-se, dado o tipo de gênero literário, uma aproximação a certas marcas da língua oral. Um desses exemplos da modalidade falada **NÃO** se encontra na opção

- A) – *Livro é pra ler! Não é para enfeitar estante!*
- B) *Quer ler Graham Greene, e fazer versos, e fumar feito um desesperado, e não perder praia no Arpoador, nem broto na vizinhança, nem filme na semana (...)*
- C) *Essa rapaziada parece que é mesmo toda assim.*
- D) *Coitado do Pablo Neruda, olha onde ele foi parar!*
- E) *E ponho as cobertas em cima da cama.*

### 2. (Marinha / EAM Marinheiro – 2016)

Assinale a opção que apresenta marca de linguagem coloquial.

- a) "[...] as redes sociais são utilizadas, também, pelas empresas na promoção de seus bens e serviços [...] ."
- b) "[...] pessoas que não conseguiam se desligar de seus computadores pra entrar nas redes sociais [...]."
- c) "O próprio conceito de redes sociais é antigo e indica a integração de pessoas que têm um objetivo comum [...]."
- d) "Além dos problemas psicológicos de vício e isolamento social que estão sendo estudados [...]."
- e) "Com o advento dos aparelhos móveis e a ampliação dos recursos dos celulares [...]."



### 3. (Marinha / CFN Soldado Fuzileiro Naval 2017)

#### Fragmentos de textos:

#### TEXTO 1 – FUGA

- Me larga. Eu quero ir embora.

Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala – tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da despensa.

- Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.

- Fico, mas vou empurrar esta cadeira.

E o barulho recomeçou.

#### TEXTO 2

Os principais problemas da agricultura brasileira referem-se muito mais à diversidade dos impactos causados pelo caráter da modernização, do que à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes. Se hoje existem milhões de estabelecimentos agrícolas marginalizados, isso se deve muito mais à natureza do próprio processo de modernização, do que à sua suposta falta de abrangência.

(Folha de São Paulo, 13/09/94, 2-2)

Tome como referência as seguintes frases: texto 1 – linha 4 “- Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.” e texto 2 - linhas 1 a 3 “Os principais problemas da agricultura brasileira referem-se muito mais à diversidade dos impactos causados pelo caráter da modernização, do que à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes.”. É possível observar que o registro da linguagem utilizado em ambos os trechos foi diferente, podendo ser classificados, respectivamente, como registros

- A) culto e coloquial.
- B) informal e culto.
- C) informal e popular.
- D) culto e formal.
- E) popular e informal.

### 4. (Aeronáutica / ITA Aluno – 2015)

Assinale a opção que apresenta características de coloquialidade.

- a) Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades.
- b) O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!
- c) Aí o sinal fica verde e eu continuo.
- d) Acabaram de chegar ao último patamar.
- e) O diploma era mais que garantia de emprego.





## 5. (UFSC)

Texto:

Papos

- Me disseram...
- Disseram-me.
- Hein?
- O correto é “disseram-me”. Não “me disseram”.
- Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é “digo-te”?
- O quê?
- Digo-te que você...
- O “te” e o “você” não combinam.
- Lhe digo?
- Também não. O que você ia me dizer?
- Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?
- Partir-te a cara.
- Pois é. Parti-la hei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.
- É para o seu bem.
- Dispensando as suas correções. Vê se esquece-me. Falo como bem entender. Mais uma correção e eu...
- O quê?
- O mato.
- Que mato?
- Mato-o. Mato-lhe. Mato você. Matar-lhe-ei-te. Ouviu bem?
- Pois esqueça-o e para-te. Pronome no lugar certo é elitismo!
- Se você prefere falar errado...
- Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?
- No caso... não sei.
- Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como “esquece”? Você prefere falar errado? E o certo é “esquece” ou “esqueça”? Ilumine-me. Me diga. Ensine-lo-me, vamos.
- Depende.



## Aula 13

- Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.
- Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
- Agradeço-lhe a permissão para falar errado que mas dás. Mas não posso mais dizer-lo-te o que dizer-te-ia.
- Por quê?
- Porque, com todo este papo, esqueci-lo.

Verissimo, Luis Fernando. Novas comédias da vida pública, a versão dos afogados. Porto Alegre: L&PM, 1997. [Adaptado].

De acordo com o texto acima e com a norma padrão escrita, é correto afirmar que:

- A) um dos falantes não frequentou a escola.
- B) o diálogo entre amigos é uma oportunidade para aprender regras da norma padrão.
- C) a forma de dizer é mais importante do que o conteúdo.
- D) não é possível um diálogo entre pessoas que usam diferentes variantes linguísticas.
- E) a preocupação excessiva com a forma gerou truncamento na comunicação.

### 6. (CEPUERJ)

#### OS TAIS HIGIENISTAS

Careta, 4 dez. 1920

Queria escrever uma longa carta ao Excelentíssimo Senhor doutor Carlos Chagas sobre a sua Saúde Pública e o draconiano regulamento que Sua Excelência acaba de extorquir dos poderes da República.

Há muitas presunções profissionais. Há a presunção literária, que é ridícula; há a militar, que é odiosa; há a médica, que é de uma lamentável estreiteza; e muitas outras, porque cada profissão tem a sua presunção e se julga como dominadora de todas as outras, sem perceber que todos os ofícios se entrelaçam e a nossa sociedade é uma rede de artes e mesteres, todos eles necessários a ela.

O Senhor Chagas é o mais alto representante da presunção médica.

Ele julga que, se há tuberculose, é porque não se decreta tal e qual lei e não se põe a sua execução nas mãos dele e de seus colegas; se há opilação é porque não se açoita o sujeito que anda descalço e não se fuzila o que não constrói fossos sépticos nos fundos do seu “tijupar” ou cousa que o valha; e, assim, por diante.

Todos os males da humanidade estariam curados se ela fosse governada por ditadores médicos, auxiliares acadêmicos, mata-mosquitos, etc., etc.

O equilíbrio de outras condições da vida atual com as necessidades da higiene, ele não vê.

Não vê que é preciso dinheiro para se ter boa alimentação, vestuário e domicílio, condições primordiais da mais elementar higiene; entretanto, por isto ou por aquilo, a maioria da população do Brasil se debate na maior miséria, luta com as maiores necessidades, não podendo obter aqueles elementos de vida senão precariamente, mesmo assim custando-lhe os olhos da cara.



## Aula 13

Sua Excelência antes de expedir regulamentos minuciosos sobre tantos atos da nossa vida doméstica, devia ter o cuidado de facultar-nos os meios de realizar as suas exigências.

O que há em Sua Excelência, é o que há em todos de sua categoria: Sua Excelência nunca conheceu necessidades e afere a vida dos outros pela sua, feliz e rica.

Por falar nisto, lembro aqui um caso.

Quando morreu o professor Francisco de Castro, suspeitou-se que houvesse sido de peste, que reinava entre nós naquele tempo.

Os médicos da Saúde Pública quiseram verificar a cousa; mas a camarilha do doutor Castro, a cuja frente se achava o Senhor Azevedo Sodré, se opôs violentamente que cumprissem o seu dever. Chico Castro não podia morrer de peste bubônica...

São assim os nossos ferrabrases de higienistas à prussiana: dois pesos e duas medidas...

BARRETO, Lima. In: RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (Org.). Toda Crônica. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 237-238. v.2.

No texto, em relação à linguagem, emprega-se predominantemente o(a):

- A) linguagem regional, embora se identifiquem exemplos da linguagem formal, como em “Sua Excelência acaba de extorquir dos poderes da República”
- B) nível informal, embora se identifiquem exemplos da linguagem formal, como em “o cuidado de facultar-nos os meios de realizar as suas exigências”
- C) nível formal, embora haja exemplos de linguagem informal, como em “custando-lhe os olhos da cara”
- D) gíria, embora haja exemplos da linguagem informal, como em “cousa que o valha”

### 7. (IF-MS)

Leia a crônica “Sketches”, de Luís Fernando Veríssimo.

Dois homens tramando um assalto.

- Valeu, mermão? Tu traz o berro que nós vamo rendê o caixa bonitinho. Engrossou, enche o cara de chumbo.

Pra arejá.

- Podes crê. Servicinho manero. É só entrá e pegá.

- Tá com o berro aí?

- Tá na mão.

Aparece um guarda.

- Ih, sujou. Disfarça, disfarça...

O guarda passa por eles.

- Discordo terminantemente. O imperativo categórico de Hegel chega a Marx diluído pela fenomenologia de Feurbach.

- Pelo amor de Deus! Isso é o mesmo que dizer que Kierkegaard não passa de um Kant com algumas sílabas a mais. Ou que os iluministas do século 18...



Aula 13

O guarda se afasta.

- O berro, tá recheado?

- Tá.

- Então, vamlá!

Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/1731104>. Acesso em: 08.11.18

Com relação à noção de variações linguísticas, considere as afirmações abaixo a partir do fato narrado na crônica:

- I. Os dois assaltantes usam a gíria típica de malandros e mudam o nível de linguagem para disfarçar quando o guarda se aproxima.
- II. Quando o guarda se aproxima, os dois malandros passam a falar sobre filosofia numa linguagem culta para impressioná-lo, dando a impressão de serem intelectuais.
- III. A crônica mostra que há um preconceito com relação ao nível de linguagem que usamos, e, por isso, ela é um fenômeno de exclusão social.
- IV. Por ser um estilo coloquial, a gíria só é usada por pessoas de baixa escolaridade, como, por exemplo, assaltantes.
- V. A crônica mostra que devemos ter uma consciência linguística para as diferentes situações de uso da linguagem.

Está CORRETO o que se afirma em:

- A) I, II, III e IV.
- B) I, II, III, IV e V.
- C) I, II, III e V.
- D) II, IV e V.
- E) II, III e IV.

**ATENÇÃO:** AS DUAS QUESTÕES A SEGUIR DEVEM SER RESPONDIDAS COM BASE NA CHARGE A SEGUIR.





### 8. (FGV)

Assinale a opção que indica as palavras da charge que mostram variação popular de pronúncia.

- (A) Ai – Sinhô.
- (B) Sinhô – ah.
- (C) Sinhô – tô.
- (D) tô – manda.
- (E) manda – ela.

### 9. (FGV)

Assinale a opção em que o segmento verbal da charge não apresenta problemas de norma-padrão.

- (A) Ai Jesus.
- (B) Me ajuda.
- (C) Ah Sinhô.
- (D) há meses.
- (E) manda logo ela.

### 10. (CRS PMMG / CFS/CSTSP)

A necessidade da Interatividade entre a Polícia e a População

Por Archimedes Jose Melo Marques

Em um país em que a sociedade clama por uma segurança pública mais eficaz e mais presente, nota-se que o organismo estatal sente-se impotente e incapaz para debelar sozinho a crescente onda de violência que assola todos os lugares.



## Aula 13

A Polícia como figura principal encarregada de manter a ordem pública para a conseqüente prestação da paz social precisa da conscientização e cooperação de toda a sociedade para alcançar os seus objetivos, entretanto, é fato presente que o povo, na sua maioria, ainda tem a polícia como se fosse então esta instituição a única responsável pelo assolamento da violência no país, a principal responsável pelo recrudescimento da criminalidade, como se fossem então os policiais seres Onipotentes e Onipresentes para estarem em todos os lugares, a todo o momento, a fim de evitar ou descobrir crimes como num passe de mágica.

A violência e o aumento da criminalidade que atingem o povo, atingem também a Polícia, o Governo. Atingem a toda a sociedade. Todos nós estamos na mesma aflição.

A paz é a aspiração e o desejo fundamental de todo ser humano, entretanto, só poderá ser atingida com a ordenação da potencialidade da sociedade e do poder público em torno do ideal comum de uma segurança justa, cooperativa e interativa.

A Lei entrega à Polícia o poder do uso da força. Essa exclusividade da violência legal visa tão somente ajudar a regular as interações sociais. Através desse poder legitimado e da função específica de manter a ordem pública, a sociedade espera da sua Polícia toda a proteção possível e até impossível, entretanto, pouco ou nada faz para ajudá-la.

O estudo das relações humanas constitui uma verdadeira ciência complementada por uma arte, a de se obter e conservar a cooperação e a confiança das partes envolvidas, por isso o presente apelo que visa uma verdadeira interatividade entre a Polícia e a sociedade para melhor se combater a violência e a criminalidade reinante no país.

Durante muito tempo, a sociedade pouco se incomodou com a questão da violência, da criminalidade e tinha a Polícia apenas como um mal necessário quando na verdade é esta valorosa instituição de defesa do cidadão, um bem essencial, um real instrumento da cidadania e da ordem pública. A Polícia é, antes de tudo, a guardiã das Leis Penais e o alicerce da Justiça. Sem a Polícia haveria o caos social absoluto.

O preceito constitucional de que a segurança pública é direito e responsabilidade de todos deve sempre crescer até ganhar apoio da maioria populacional e não apenas de uma parcela da sociedade. Os conselhos de segurança dos Estados, das cidades, dos bairros, dos povoados e as organizações não governamentais devem se fortalecer cada vez mais com a conscientização e a união ampla e irrestrita para ajudar a Polícia na sua árdua missão de combater o crime e resgatar a ordem ferida.

A sociedade brasileira precisa confiar mais na sua Polícia, no seu Ministério Público, na sua Justiça. Precisamos resgatar a confiança do povo nas suas instituições de combate ao crime, perdida através dos tempos.

Na mesma velocidade em que a criminalidade e a violência avançam no nosso país por motivos diversos, o crime organizado ganha forças principalmente com o tráfico de drogas que termina sendo a raiz de todos os outros crimes subseqüentes, tais como: sequestros, homicídios, latrocínios, roubos, torturas, corrupções, extorsões, lesões corporais...

Precisamos, além de leis mais rígidas e menos burocráticas, da união de todos os segmentos da sociedade e em especial do poder público para formar uma Polícia verdadeiramente forte trabalhando sempre em interatividade com a população para enfim combatermos a marginalidade com mais presença, combate este que deve ter um maior investimento em ações preventivas para não sobrecarregar as ações repressivas como de fato vem ocorrendo no nosso país.



## Aula 13

Assim teremos uma força satisfeita, trabalhando todos como verdadeiros parceiros contra o crime em busca do ideal comum de uma segurança pública mais adequada e constante que a sofrida população brasileira bem merece.

Autor: Archimedes Marques (delegado de Polícia no Estado de Sergipe. Pós-Graduado em Gestão Estratégica de Segurança Pública pela UFS) – adaptado da versão disponível em: Acesso em: 05 fev. 2018.

Assinale a alternativa em que todas as características apresentadas podem ser atribuídas ao texto escrito pelo delegado Archimedes Jose Melo Marques.

- A) Linguagem direta, informal, espontânea e dialogal.
- B) Uso acentuado de linguagem figurada e de efeitos expressivos.
- C) Tratamento de tema atual de forma crítica e resignada.
- D) Objetivo e uso predominante de 3ª pessoa.

### O Roubo do Relógio

Rolando Boldrin

Naquele arraial do Pau Fincado, havia um sujeitinho danado pra roubar coisas. Às vezes galinha, às vezes cavalo, às vezes coisas miúdas. A verdade é que o dito cujo era chegado em surrupiar bens alheios.

Todo mundo daquele arraial já estava até acostumado com os tais furtos. E a coisa chegou a tal ponto de constância que bastava alguém da por falta de qualquer objeto e lá vinha o comentário: “Ah, foi o Justino Larápio”.

E foi numa dessas que sumiu o relógio do cumpadi João, um cidadão por demais conhecido por aquelas bandas do Pau Fincado. Foi a conta de sumir o relógio dele para o dito cujo correr pra delegacia mais próxima e dar parte do fato.

O delegado pediu que o sêo João arranjasse três testemunhas para lavrar o ocorrido e então prender o tal ladrãozinho popular. Arranjar três testemunhas de que o tal Justino havia surrupiado qualquer coisa era fácil, dado a popularidade do dito cujo pra esses afazeres fora da lei.

A cena que conto agora transcorreu assim, sem tirar nem pôr. Intimado o Justino, eis ali, ladrão, vítima e três testemunhas:

DELEGADO (para a primeira testemunha) – O senhor viu o Justino roubar o relógio do sêo João, aqui presente?

TESTEMUNHA 1 – Dotô.Vê, ansim com os óio, eu num posso dizê que vi. Mas sei que ele é ladrão mêmo. O que ele vê na frente dele, ele passa a mão na hora. Pode prendê ele dotô!

DELEGADO (para a segunda testemunha) – E o senhor? Viu o Justino roubar o relógio do sêo João?

TESTEMUNHA 2 – Óia, dotô ...num vô falá que vi ele fazê isso, mas todo mundo no arraiaí sabe que ele róba mêmo, uai. Pode prender sem susto. Eu garanto que foi ele que robô esse relógio.

DELEGADO (para a última testemunha) – E o senhor? Pode me dizer se viu o Justino roubar o relógio do sêo João?



### Aula 13

TESTEMUNHA 3 – Dotô, ponho a mão no fogo si num foi ele. Prende logo esse sem vergonha, ladrão duma figa. Foi ele mêmo!

DELEGADO – Mas o senhor não viu ele roubar? O senhor sabe que foi ele, mas não viu o fato em si?

TESTEMUNHA 3 – Num carece de vê, dotô! Todo mundo sabe que ele róba. Pode preguntá pra cidade intêra. Foi ele. Prende logo esse peste!

DELEGADO (olhando firme para o Justino) – Olha aqui, Justino. Eu também tenho certeza de que foi você que roubou o relógio do sêo João. Mas, como não temos provas cabíveis, palpáveis e congruentes... você está, por mim, absolvido.

JUSTINO (espantado, arregalando os olhos para o delegado) – O que, dotô ? O que que o sinhô me diz? Eu tô absorvido????

DELEGADO – Está absolvido.

JUSTINO – Qué dizê intão que eu tenho que devorvê o relógio?

Disponível em: <http://www.rolandoboldrin.com.br/causos>. Acessado em 19 ago. de 2016.

### 11.(CRS PMMG)

Marque a alternativa CORRETA. Quanto à diversidade linguística no texto apresentado, podemos afirmar que o autor optou por:

- A. ( ) utilizar uma variação diastrática.
- B. ( ) utilizar uma variação diafásica.
- C. ( ) utilizar uma variação histórica.
- D. ( ) utilizar uma variação diatópica.

### 12. (CRS PMMG)

Leia as assertivas abaixo e, ao final, responda o que se pede.

- I. A variação linguística é um interessante aspecto da língua portuguesa e pode ser compreendida por meio das influências históricas e regionais sobre os falares.
- II. A língua é um sistema que não admite nenhum tipo de variação linguística, sob pena de empobrecimento do léxico.
- III. O tipo de linguagem do texto compromete o seu entendimento ao leitor.

Marque a alternativa CORRETA.

- A. ( ) Apenas a assertiva II, está correta.
- B. ( ) Apenas a assertiva I, está correta.
- C. ( ) Apenas a assertiva III, está correta.
- D. ( ) Todas as assertivas estão corretas





### 13. (CRS PMMG / CFS/CSTSP)

#### “Pequenas” corrupções

Leonardo Teixeira

Apesar desse tema não ser novidade, é necessário o seu debate. O brasileiro é famoso pelo seu jeitinho de lidar com as coisas cotidianas. A *Lei de Gérson* que regula a tendência de levar vantagem nas diversas situações, burlando a ética, a moral e os bons costumes.

Diante dos desmandos e da péssima situação política e econômica em que vivemos, cresce nas ruas e nas redes sociais um movimento apartidário que se protesta contra as grandes corrupções que vem assolando todo o país.

Os literatos costumam lembrar do malandro Leonardo, personagem de Manuel Antônio de Almeida em sua obra *Memórias de um Sargento de Milícias* (livro diferente do romantismo convencional), que aprontava bastante no Rio de Janeiro (século XIX). Pedro Malazarte é personagem de data e fama ainda mais remota. Ambos contavam com suas espertezas para levar vantagens e aprontarem suas arruaças.

Se a corrupção política é apenas a ponta de um iceberg, como disse o escritor Pedro Karnal, ela é mesmo um reflexo cultural de se achar normal tudo o que procede desse jeitinho vantajoso de lidar com diferentes coisas. “Jeito de agir segundo os afetos e não segundo a razão pura”, segundo o filósofo Immanuel Kant.

Muitos acham normal falsificar carteirinha de estudante, furto e burlar sinal de TV a cabo, comprar e vender produtos falsificados, furar filas, colar e passar cola nas provas (ou copiar trabalhos, textos e artigos da internet), bater ponto e assinar lista de presença para colegas de trabalho ou de estudo, apresentar atestados médicos falsos, inventar uma justificativa, as mentiras tidas como socialmente necessárias, vender ou comprar o voto, estacionar em vagas especiais (ainda que seja rapidinho), falsificar assinaturas, declarar informações falsas no imposto de renda (omitir ou comprar notas), receber troco a mais e não devolver, não dar nota fiscal (ou o valor correto), desrespeitar lugares reservados em ônibus, cinema, teatro, estacionamento etc, levar para casa enfeites de festa que não são cortesia, tentar subornar o policial ou guarda de trânsito, burlar normas de trânsito (sinais e “gatos” por exemplo), desrespeitar normas trabalhistas, andar pelo acostamento ou em pistas reservadas a ônibus), burlar licitações e obter vantagens indevidas, pagar multas e continuar desobedecendo a lei, jogar lixo pela janela ou nas ruas, receber auxílios sem necessidade (moradia, deslocamento, verbas de gabinete, despesas extras) etc.

Muitos acreditam que pequenos delitos como esses não se comparam a grandes corrupções milionárias, mas se esquecem que ambos são delitos, são atitudes desonestas que desonram nosso caráter.

Somos todos humanos e imperfeitos, mas isso não impede que num determinado momento de nossas vidas possamos dar um basta a atitudes como essas, que são de fato desonestas. Não há mentiras grandes e pequenas, na bruta concepção da palavra. Uma água límpida deixa de ser potável com uma mísera bactéria num cisco e também com uma colher cheia de dejetos. Óbvio que as consequências são diferentes para cada tipo de ação.

Uma relevante campanha da Controladoria-Geral da União, intitulada “Pequenas Corrupções – Diga Não” merece um destaque ainda maior. Mudamos um país investindo na educação e cultura de cada indivíduo. O comportamento que é socialmente adequado hoje pode não ser amanhã.

Quando todos decidirem mudar o caráter de cada indivíduo, a ética cívica coletiva será mudada. A corrupção que está tão arraigada em determinado partido não é responsabilidade exclusiva da classe política, é fruto



### Aula 13

dessa aceitação generalizada de obter vantagens, desse jeitinho torpe de ser e de se achar mais merecedor do que os demais. Adote essa ideia!

Disponível em: <https://www.dm.com.br/opiniao/2015/05/pequenas-corrupcoes.html>. Acesso em 10 de junho de 2016.

Em relação às características presentes no texto lido, marque a alternativa CORRETA.

- A) O texto apresenta linguagem informal, clara e objetiva.
- B) No texto, há predominância de discurso direto.
- C) O texto foi escrito em terceira pessoa.
- D) O texto é curto e de caráter subjetivo.

#### 14.(FCC)

Embora tivesse vindo ao mundo no dia 16 de Novembro de 1922, os meus documentos oficiais referem que nasci dois dias depois, a 18: foi graças a esta pequena fraude que a família escapou ao pagamento da multa por falta de declaração do nascimento no prazo legal.

(SARAMAGO, José. Disponível em: <http://josesaramago.blogs.sapo.pt/95061.html>. Acesso em 23/03/2014)

No texto acima, verifica-se que o emprego da preposição em “a 18” é indicativo da variedade linguística

- a) histórica, que se refere à dinamicidade da língua, que muda permanentemente com os seus falantes.
- b) social, que depende do contexto de comunicação, de quem são os interlocutores e seus objetivos.
- c) relativa à faixa etária: crianças, jovens, adultos e velhos podem ter um vocabulário diverso.
- d) geográfica, pois se refere ao uso da mesma língua em diferentes países.
- e) de registro, relacionada ao maior grau de informalidade entre os interlocutores.

#### 15. (BIO RIO)

O seguinte pensamento está totalmente expresso em linguagem formal:

- a) “Quem não gosta de estar consigo mesmo, em geral, está certo”. (Coco Chanel)
- b) “A família é como a varíola: a gente tem quando criança e fica marcado para o resto da vida”. (Sartre)
- c) “O Brasil já está à beira do abismo. Mas ainda vai ser preciso um grande esforço de todo mundo pra colocarmos ele novamente lá em cima”. (Millôr Fernandes)
- d) “O otimista é um cara que acredita que o que está para acontecer será adiado”. (Kin Hubbard)
- e) “Consciência é como a vesícula: a gente só se preocupa com ela quando dói”. (Stanislaw Ponte Preta)

#### 16. (NC-UFPR)

Considere a seguinte frase:

Os dispositivos implantados em pacientes emitiriam sinais, em tempo real, que informariam aos sistemas de vigilância dos hospitais se tudo está bem ou não, \_\_\_\_\_ significativamente as situações de emergência.



### Aula 13

Considere as seguintes possibilidades de preenchimento da lacuna acima:

1. atenuando
2. vindo a atenuar
3. onde atenuaria
4. o que atenuaria

São abonadas pela norma padrão da língua portuguesa no Brasil as formas: a) 2 e 4 apenas.

b) 3 e 4 apenas.

c) 1, 2 e 3 apenas.

d) 1, 2 e 4 apenas.

e) 1, 2, 3 e 4.

### 17. (FCM)

A “facebookização” do jornalismo

Cleyton Carlos Torres

[1º§] A crise que embala o jornalismo não é de hoje. Críticas a aspectos conceituais, morais, editoriais e até financeiros já rondam esse importante pilar da democracia há um bom tempo. O digital, então, acabou surgindo para dar um empurrãozinho – tanto para o bem como para o mal – nas redações mundo afora. Prédios esvaziados, startups revolucionárias, crise existencial e um suposto adversário invisível: o próprio leitor.

(...)

[5º§] O abuso de listas, o uso de “especialistas de Facebook” como fonte, pautas sendo construídas com base em timelines alheias ou o frenesi encantador de likes e shares têm feito com que uma das maiores armadilhas das redes sociais abocanhe o jornalismo. O jornalismo, como instituição e pilar da democracia, agora se comporta como um usuário de internet, jovem, antenado, mas que não tem como privilégio o foco ou a profundidade. A armadilha se revela justamente no momento em que “ser um usuário” passa a valer como entendimento de “dialogar com o usuário”.

O uso de termos como ‘empurrãozinho’ (1º§) e ‘abocanhe’ (5º §) demonstra que o registro linguístico, no texto 1, apresenta marcas de a) modismo.

b) formalidade.

c) popularismo.

d) rebuscamento.



18. (FGV)



A fala da funcionária “OK, Senhor. Vou estar anotando o seu problema para estar agendando a visita de um técnico” mostra uma marca típica desse modo de falar, que é:

- a) a presença marcante de estrangeirismos;
- b) o emprego de uma linguagem demasiadamente erudita;
- c) o mau uso do gerúndio;
- d) a completa falta de objetividade na mensagem;
- e) a ausência de tratamento individualizado.

19.(CRS PMMG / CFS/CTSP)

PENA DE MORTE

PELLEGRINO, Hélio. A inocência do demônio. Rio de Janeiro, Rocco, 1988. (Com adaptações)

“[...] A pena de morte, não obstante os esgares e contorcionismos ideológicos que a queiram legitimar, é um crime contra a justiça – e contra o esforço civilizatório da raça humana. Humanizar-se – ou hominizar-se – é poder suprimir ou sublimar os impulsos primitivos que nos levam a combater o crime – com o crime. A pena de morte tem como fundamento não o desejo de reparação ou de justiça, mas a sede bruta de vingança. Na medida de sua adoção, ficamos filosófica e moralmente comprometidos e emparelhados pela lógica – zoológica – do velho axioma iníquo: olho por olho, dente por dente. Se o mal com o mal se paga, numa estrita e sinistra odonto-oftálmica, não há porque não condecorar, com as mais altas insígnias republicanas, os beneméritos esquadrões da morte que exornam nossa paisagem cívica, jurídica e policial. A pena de morte, incluída na letra do Código Penal, consagra – e institucionaliza – o procedimento desses bandos criminosos transformando-o em norma de justiça. Convenhamos que, em matéria de desordem, poucas medidas seriam capazes de chegar tão longe.



Aula 13

Na avaliação do problema da pena de morte, há que levar em conta o fato de que ela, uma vez aplicada, cria uma situação absoluta – e irreparável. A morte é a impossibilidade de qualquer possibilidade, seja lá do que for. [...]

Além dos aspectos filosóficos e religiosos que a condenam, a pena de morte é perfeitamente indefensável a partir de argumentos sociais e políticos. Cada sociedade tem os criminosos que merece, isto é, a prática do bem e do mal, ou a maneira pela qual os seres humanos se relacionam, tem tudo a ver com a vida comunitária e com o grau de justiça – ou de injustiça – que lhe define a estrutura. A fome, a opressão espoliadora, o abandono da infância, o desemprego em massa, as greves – e clamores – desníveis entre as classes não constituem, obviamente, boa fonte de inspiração para um correto exercício da cidadania. O processo civilizatório, pelo qual cada um de nós dá o salto da natureza para a cultura, de modo a tornar-se sócio da sociedade humana, exige renúncias cruciais – e sacrifícios cruciantes. Na infância, através das vicissitudes do complexo de Édipo, temos que abrir mão de nossas primeiras – e decisivas – paixões. Depois, o corpo social nos impõe a lenta e dolorosa aquisição de uma competência, que nos qualifique para o trabalho e para o pão de cada dia.

Tudo isto – contadas às favas – nos custa os olhos da cara, e da alma. É preciso, de maneira absoluta, que cada trabalhador, seja ele qual for, receba da comunidade um retorno salarial e existencial condigno, expressão do respeito coletivo pelo seu esforço. Este é um dever social irrevogável, ao qual corresponde um direito sagrado. A ruptura desta articulação constitui uma violência inaudita, capaz de tornar-se a matriz de todas as violências – e de todos os crimes. Uma sociedade como a nossa, visceralmente comprometida com a injustiça e, portanto, geradora de revolta e delinquência, cometeria uma impostura devastadora – e destruidora –, se adotasse a pena de morte. Ao invés de fabricarmos bodes expiatórios, temos todos que assumir, sem exceção de ninguém, a responsabilidade geral pela crise – e pelo crime.

Há, por fim, a favor da pena de morte o argumento psicológico da intimidação. O criminoso, diante do risco de perder a vida, pensa duas ou mais vezes na consequência fatal do delito que o tenta, acabando por desistir de praticá-lo. Afirma-se aqui o princípio – psicanaliticamente ilusório – de que o delinquente grave tem arraigado amor à própria vida. Em verdade, acontece o oposto. A autoestima do ser humano se constrói a partir dos cuidados – do amor – recebidos de fora, dos outros. Este amor, internalizado, vai constituir o fundamento da possibilidade que cada um terá de amar-se a si mesmo, por ter sido amado. Se sou capaz de amar a mim próprio, e à minha vida, sou também proporcionalmente capaz de amar ao próximo, meu semelhante, meu irmão – e meu espelho.

O criminoso grave, ao liquidar sua vítima, condena-se, por mediação dela, à morte, com ódio e desprezo. Não o imitemos, através da pena de morte”.

A linguagem coloquial empregada no texto pode ser exemplificada pela frase:

- A. ( ) “Tudo isto – contadas as favas – nos custa os olhos da cara, e da alma”.
- B. ( ) “Há, por fim, a favor da pena de morte o argumento psicológico da intimidação”.
- C. ( ) “Este é um dever social irrevogável, ao qual corresponde um direito sagrado”.
- D. ( ) “Convenhamos que, em matéria de desordem, poucas medidas seriam capazes de chegar tão longe”.



## 20.(FGV)



A linguagem verbal empregada na charge mostra:

- (A) desvios da norma culta;
- (B) traços de regionalismo;
- (C) marcas de linguagem coloquial;
- (D) sinais de linguagem formal;
- (E) aspectos de uma linguagem arcaica;

## 21.(FCC)

A lua da língua

Existe uma língua para ser usada de dia, debaixo da luz forte do sentido. Língua suada, ensopada de precisão. Que nós fabricamos especialmente para levar ao escritório, e usar na feira ou ao telefone, e jogar fora no bar, sabendo o estoque longe de se acabar. Língua clara e chã, ocupada com as obrigações do expediente, onde trabalha sob a pressão exata e dicionária, cumprimentando pessoas, conferindo o troco, desfazendo enganos, sendo atenciosamente sem mais para o momento. É a língua que Cristina usou para explicar quem quebrou o cabo da escova, ou a língua das aeromoças em seus avisos mecanicamente fundamentais.

Mas no entardecer da linguagem, por volta das quatro e meia em nossa alma, começa a surgir um veio leve de angústia. As coisas puxam uma longa sombra na memória, e a própria palavra tarde fica mais triste e morna, contrastando com o azul fresco e branco da palavra manhã. À tarde, a luz da língua migalha. E, por ser já meio escuro, o mundo perde a nitidez. Calar, a tarde não se cala, mas diz menos do que veio a dizer. É a que frequenta os cartões de namoro, as confissões, as brigas e os gritos, ou a atenção desajeitada das palavras num velório, ou nos sussurros namorados ao pé dos muros dos subúrbios.

E tem a língua que em si mesma anoitece, quando o escuro espatifa o sentido. O sol, esfacelado, vira pó. E a linguagem se perde dos trilhos de por onde ir. Tateia, titubeia, tropeça, esbarra em regras, arrasta a mobília das normas. À noite, sonha a nossa língua. No céu da boca as palavras guardam um resíduo de pensamento, e têm a densidade vazia das ideias vagas, condensando-se como nuvens de um céu sem luz. No calor tempestuoso dessas noites de Manuel Bandeira, é possível a bailarina ser feita de borracha e



## Aula 05

pássaro. Enquanto o poeta Murilo Mendes solta os pianos na planície deserta, tudo é dito distante dos ruídos do dia. Tudo é possível nessa escuridão criativa, existe o verso, existe a canção.

Mais tarde, finda a noite, quando abrimos a boca, a língua amanhece, e de novo a levamos pelos corredores e pelas repartições, pelas galerias e escritórios, valendo-nos dela para o recado simples, a ordem necessária, o atendimento útil. Enquanto não chega a tarde, enquanto não anoitece.

(Adaptado de André Laurentino, Lições de gramática para quem gosta de literatura)

O autor refere-se no texto a três línguas, cuja variação se deve, sobretudo,

- à classe social do falante, já que esta é marcada pela maior ou menor facilidade de acesso do indivíduo aos bens culturais.
- à disposição de espírito e ao humor de cada um de nós, que variam de modo aleatório ao longo das diferentes etapas de nossa vida.
- aos mecanismos linguísticos próprios da linguagem verbal, que nada têm a ver com as intenções ou necessidades circunstanciais do usuário.
- à diversidade das situações de linguagem, que o autor vê marcadas na sucessão dos diferentes períodos do dia.
- ao maior ou menor índice de formalidade com que as pessoas as empregam, cumprindo ou descumprindo as normas gramaticais.

## 22.(CEPERJ)

Empregou-se expressão própria da língua falada no trecho:

- “Até o fim de setembro tem muito dia em vermelho no calendário econômico mundial.”  
(O Globo, Panorama Econômico, Miriam Leitão, setembro de 2011)
- “A avaliação feita no Brasil é que talvez o Fed procure outro caminho, como o de comprar mais títulos de longo prazo para forçar...”  
(O Globo, Panorama Econômico, Miriam Leitão, setembro de 2011)
- “Na Europa, ontem, os dois maiores líderes, Ângela Merkel e Nicolas Sarkozy, elevaram o tom das declarações...”  
(O Globo, Panorama Econômico, Miriam Leitão, setembro de 2011)
- “O governo tem instrumentos na mão para usar em caso de algum pânico que ocorra no mercado por algum agravamento repentino.”  
(O Globo, Panorama Econômico, Miriam Leitão, setembro de 2011)
- “Até o fim do mês a agenda do mundo está lotada vivendo de notícia em notícia.”  
(O Globo, Panorama Econômico, Miriam Leitão, setembro de 2011)



**23. (Consulplan)**

“Simples ações individuais, como dirigir um carro, somadas a outros pequenos atos pessoais, acabam se tornando uma grande ‘bola de neve’, incontrolável e extremamente poluída.” No excerto anterior, há um exemplo de

- A) registro coloquial quanto ao nível de formalismo.
- B) linguagem padrão e pejorativa.
- C) inadequação na flexão do tempo verbal composto.
- D) termos ambíguos que causam dificuldade de entendimento.
- E) variação linguística de cunho regional.

**24. (Consulplan)**

**Fragmento do texto:** – Chame a polícia. Quero pagar, vocês não querem receber. Chame.

Foi um bafafá. Um jovem veio correndo da cozinha. Pensei que ia me soterrar com um prato de sopa de tubarão, tal a fúria. Repeti o pedido, gentil: queria a polícia. Aceitaram o cheque, com suspiros de nervosismo.

A expressão “Foi um bafafá”:

- A) É um exemplo da linguagem culta.
- B) É pejorativa.
- C) Tem sentido ambíguo.
- D) É coloquial.
- E) Denota um erro gramatical.

**25. (CESPE)**

O texto, em que foi empregada uma linguagem simples, de fácil compreensão, apresenta um termo típico da linguagem coloquial no trecho

- (A) ‘Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou’.
- (B) “Segundo o ministro, a demanda interna permanece ‘muito aquecida’”.
- (C) ‘Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis’.
- (D) “a decisão do COPOM (...) pode impactar um pouco a criação de empregos formais”.
- (E) “a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil”.





**26.(Consulplan)**

**Fragmento do texto:** Tendo herdado a casa do avô na cidade distante, para lá mudou-se com toda a família, contente de retomar o contato com suas origens. Em poucos dias, já trocava dedos de prosa com o farmacêutico, o tabelião, o juiz. E por eles ficou sabendo, entre uma conversa e outra, que as casas daquela região eram construídas com areia de aluvião, onde não raro se encontravam pequenos diamantes.

A expressão “... trocava dedos de prosa...”:

- A) Pertence ao linguajar culto.
- B) Tem valor pejorativo.
- C) É coloquial.
- D) É um erro que deveria ter sido evitado.
- E) Tem sentido ambíguo.

**27.(Aeronáutica / EPCAR - Cadete da Aeronáutica – 2016)****TEXTO I****RETRATO**

Eu não tinha este rosto de hoje,  
 Assim calmo, assim triste, assim magro,  
 Nem estes olhos tão vazios,  
 Nem o lábio amargo  
 Eu não tinha estas mãos sem força,  
 Tão paradas e frias e mortas;  
 Eu não tinha este coração  
 Que nem se mostra.  
 Eu não dei por esta mudança,  
 Tão simples, tão certa, tão fácil:  
 – em que espelho ficou perdida  
 a minha face?

(MEIRELES, Cecília. Obra Poética de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.)

**TEXTO II****ENVELHECER**

Arnaldo Antunes/ Ortinho/ Marcelo Jeneci

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer

A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer



## Aula 05

Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer

Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

Não quero morrer pois quero ver como será que deve ser envelhecer

Eu quero é viver para ver qual é e dizer venha pra o que vai acontecer

(...)

Pois ser eternamente adolescente nada é mais démodé com os ralos fios de cabelo [sobre a testa que não para de crescer

Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender

Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr.

(...)

( [www.arnaldoantunes.com.br/new/sec\\_discografia\\_sel.php?id=679](http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=679))

### TEXTO III

#### ESTATUTO DO IDOSO (fragmentos)

Art. 2 – O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 4 – Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou por omissão, será punido na forma da lei.

([www.planalto.gov.br/ccvil\\_03/leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/leis/2003/L10.741.htm))

### TEXTO VI

#### LEITE DERRAMADO

“Um homem muito velho está num leito de hospital. E desfia a quem quiser ouvir suas memórias. Uma saga familiar caracterizada pela decadência social e econômica, tendo como pano de fundo a história do Brasil dos últimos dois séculos.”

Não sei por que você não me alivia a dor. Todo dia a senhora levanta a persiana com bruteza e joga sol no meu rosto. Não sei que graça pode achar dos meus esgares, é uma pontada cada vez que respiro. Às vezes aspiro fundo e encho os pulmões de um ar insuportável, para ter alguns segundos de conforto, expelindo a dor. Mas bem antes da doença e da velhice, talvez minha vida já fosse um pouco assim, uma dorzinha chata a me espetar o tempo todo, e de repente uma lambada atroz. Quando perdi minha mulher, foi atroz. E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida. Mas nem assim você me dá os remédios, você é meio desumana. Acho que nem é da enfermagem, nunca vi essa cara sua por aqui. Claro, você é a minha filha que estava na contraluz, me dê um beijo. Eu ia mesmo lhe telefonar para me fazer companhia, me ler jornais, romances russos. Fica essa televisão ligada o dia inteiro, as



## Aula 05

peçoas aqui não são sociáveis. Não estou me queixando de nada, seria uma ingratidão com você e com o seu filho. Mas se o garotão está tão rico, não sei por que diabos não me interna em uma casa de saúde tradicional, de religiosas. Eu próprio poderia arcar com viagem e tratamento no estrangeiro, se o seu marido não me tivesse arruinado.

(BUARQUE, Chico. Leite derramado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 10 – 11.)

Nos textos em geral, manifestam-se simultaneamente várias funções da linguagem. No entanto, sempre há o predomínio de uma sobre as outras. Após a leitura dos textos que constituem esta prova, assinale a alternativa correta.

- A) No texto III, a função da linguagem predominante é a metalinguística, porque há uma explicação do código, o qual é o foco do discurso.
- B) O texto II tem o canal como elemento de destaque, logo o predomínio é da função fática da linguagem.
- C) O referente é o elemento que se sobressai sobre os demais no texto VI, caracterizando o predomínio da função informativa sobre a poética.
- D) A função poética se destaca no texto I, tendo em vista a preocupação do enunciador em enfatizar a mensagem.

### 28.(Aeronáutica / CIAAR - Primeiro Tenente – Endodontia – 2018)

Funções da linguagem configuram as formas como cada indivíduo organiza sua fala, dependendo da mensagem que deseja transmitir.

A esse respeito, leia o texto seguinte



(Disponível em: < <http://noticiaurbana.com.br/old/coluna-pet-protetor-nao-compra-ele-estimula-adocao/>> Acesso em 08 fev. 2018).

I. Segundo o texto publicitário, conclui-se que, nele, pode ser identificada a função conativa ou apelativa da linguagem.

PORQUE

II. Apresenta uma reflexão acerca do conteúdo e do valor das palavras, isto é, sobre o uso da língua e sua função social.

Em relação a essas duas assertivas, é correto afirmar que



## Aula 05

- A) a primeira é uma afirmativa falsa; e a segunda, verdadeira.
- B) a primeira é uma afirmativa verdadeira; e a segunda, falsa.
- C) as duas são verdadeiras, mas não estabelecem relação entre si.
- D) as duas são verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.

### 29.(Aeronáutica / CIAAR - Primeiro Tenente - Cardiologia – 2017)

Texto:

Samba do avião

Antônio Carlos Jobim

Minha alma canta  
Vejo o Rio de Janeiro  
Estou morrendo de saudade  
Rio teu mar, praias sem fim  
Rio você foi feito pra mim  
Cristo Redentor  
Braços abertos sobre a Guanabara  
Este samba é só porque  
Rio eu gosto de você  
A morena vai sambar  
Seu corpo todo balançar  
Rio de sol, de céu, de mar  
Dentro de mais uns minutos  
Estaremos no Galeão

(<https://www.google.com.br/search?q=aficionado&oq> Acesso em 14 jul. 2017)

Avalie as afirmações sobre as funções da linguagem que os versos: “Este samba é só porque / Rio eu gosto de você” exemplificam.

- I – Metalinguística, porque o eu lírico fala do samba no próprio samba; nesse caso, a linguagem se volta sobre si mesma, transformando-se em seu próprio referente.
- II – Expressiva, uma vez que o poeta imprime na letra da música as marcas de sua atitude pessoal, suas emoções, fazendo com que o leitor sinta no texto a presença do emissor.
- III – Conativa, dado que o emissor se impõe sobre o receptor, persuadindo-o, envolvendo-o com o conteúdo transmitido, que é homenagear o Rio de Janeiro com um samba.
- IV – Referencial, pois, nos versos, o sujeito lírico transmite informações objetivas sobre aspectos da Cidade Maravilhosa e do samba, que mais deseja realçar para o leitor.



## Aula 05

Está correto apenas o que se afirma em

- A) I e II.
- B) I e III.
- C) II e IV.
- D) III e IV.

### 30. (Aeronáutica / CIAAR - Primeiro Tenente - Cardiologia – 2017)

Poesia, atualizações

João dava like em Teresa que dava super-like em Raimundo  
que jogava charme em Maria que dava match com Joaquim que hackeava os nudes da Lili  
que não dava like em ninguém.

João foi para uma praia sem internet, Teresa entrou num detox digital,

Raimundo ficou sem bateria, Maria saiu do Tinder,

Joaquim foi preso pela Delegacia de Repressão aos Crimes Cibernéticos e Lili casou com J. Pinto Fernandes  
que não tinha entrado no Stories.

Antônio Prata.

(PRATA, A. Poesia, atualizações. Folha de São Paulo, 07/05/2017. Disponível em  
<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2017/05/1881773-poesia-atualizacoes.shtm>  
Acessado em 11 jul. 2017).

Assinale a função da linguagem, presente no poema de Antônio Prata, que parodia os versos de “Quadrilha”,  
cujo autor é o poeta itabirano Carlos Drummond de Andrade.

- A) Fática.
- B) Poética.
- C) Apelativa.
- D) Denotativa.

### 31. (Aeronáutica / CIAAR - Primeiro Tenente - Língua Portuguesa – 2009)

Informe se é falso (F) ou verdadeiro (V) o que se afirma sobre as funções da linguagem. Em seguida, assinale  
a alternativa que apresenta a sequência correta.

- ( ) Verbetes de dicionários constituem exemplos de função metalinguística.
- ( ) Propagandas e ditados populares constituem exemplos de função fática.
- ( ) O teste do contato com o emissor é um exemplo de função conativa.
- ( ) A presença da emoção do remetente constitui exemplo de função poética.

- A) V – F – F – F.



**Aula 05**

- B) F – V – V – V.
- C) V – F – V – F.
- D) F – V – F – V.

**32.(Aeronáutica / CIAAR - Primeiro Tenente - Língua Portuguesa – 2009)**

A cantora Claudia Leitte foi criada nas tradições do Carnaval baiano. Ela canta de tudo. De hit carnavalesco a canções de Roberto Carlos e Guns N’Roses.

Revista Veja. Edição 2127, ano 42, n. 34, de 26 de agosto de 2009. p. 8.

A função predominante do texto acima é a

- A) fática.
- B) referencial.
- C) metalinguística.
- D) conativa.

**33.(Aeronáutica / CIAAR - Primeiro Tenente - Língua Portuguesa – 2009)**

A função poética consiste na projeção do eixo da seleção sobre o eixo da combinação dos elementos linguísticos. Isso significa que essa função se caracteriza pelo enfoque

- A) no código utilizado.
- B) no contexto do destinatário.
- C) na mensagem e sua forma.
- D) nas informações do emissor.

**34.(Exército / ESAEx Oficial)**

Na frase “Ninguém saiba que Pedro namorava com Palmira.”, temos um:

- a) solecismo de regência.                      b) solecismo de concordância.
- c) solecismo de colocação.                      d) barbarismo.

**35.(Exército / ESAEx Oficial)**

I – “Vai muito longe o menino que você deu o brinquedo.”

II – “Não vou adivinhar qual delas é sua rúbrica.”

III – “Fui eu que te emprestou o livro.”

Temos, respectivamente:

- a) solecismo de colocação – solecismo de regência – solecismo de regência
- b) solecismo de regência - solecismo de concordância - solecismo de colocação
- c) solecismo de regência – barbarismo - solecismo de regência



d) solecismo de regência – barbarismo - solecismo de concordância

**36.(Exército / ESAEx Oficial)**

Assinale a proposição em que não ocorreu(ram) erros de solecismo:

- a) As meninas mesmo ficaram sós no meio da rua, mas mesmo assim festejaram bastante felizes.
- b) É esse o quê do problema? Vi os fugitivos inutilizar o carro de que serviram-se para a fuga e apressei-me em avisar a polícia.
- c) Foi um belo jogo, por isso assisti-o com muito prazer.
- d) Eu quero falar consigo, explicá-lo que ninguém lhe agrediu.
- e) Prefiro lutar por meus ideais, em quaisquer circunstâncias, a permanecer omissa.



## 5 – Gabarito

GABARITO



- 
- |       |       |
|-------|-------|
| 1. E  | 19. A |
| 2. B  | 20. B |
| 3. B  | 21. D |
| 4. C  | 22. A |
| 5. E  | 23. A |
| 6. C  | 24. D |
| 7. C  | 25. A |
| 8. C  | 26. C |
| 9. D  | 27. D |
| 10. D | 28. B |
| 11. A | 29. A |
| 12. B | 30. B |
| 13. C | 31. A |
| 14. D | 32. B |
| 15. A | 33. C |
| 16. D | 34. A |
| 17. C | 35. D |
| 18. C | 36. E |

